

Revista Adventista

Órgão Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal

Outubro de 1994



1844-1994
150 ANOS DO
MOVIMENTO DO ADVENTO

*«Nada temos a temer quanto ao futuro a
não ser que esqueçamos a maneira como Deus
nos tem guiado no passado.»*

Ellen G. White

NESTE NÚMERO

- 2 **Quando vem Jesus?**
Por Guilherme Miller
- 3 **Uma Herança de que Devemos Orgulhar-nos**
Por Robert S. Folkenberg
- 4 **1844 – Um Marco Miliário na História da Salvação**
Por Ernesto Ferreira
- 8 **O Dia das Expições no Santuário Israelita: Implicações para Hoje**
Por Teófilo Ferreira
- 10 **A Luz Continua a Brilhar**
Por Robert S. Folkenberg
- 15 **Reflexões e Perspectivas**
Por Joaquim Dias
- 18 **«Igreja ou Movimento?»**
Por Paulo Renato Garrochinho
- 20 **«Importa que Profetizes Outra Vez»**
Por Pedro Brito Ribeiro
- 21 **Notícias**

PENSAMENTO DO MÊS

«Aqui está a paciência dos santos, aqui estão os que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus.»

Apocalipse 14:12

QUANDO VEM JESUS?

Guilherme Miller

«**E**u tinha esperado acariciadamente ter-me encontrado convosco no reino da glória antes disto: mas o nosso Pai celestial ordenou as coisas de modo diferente, e à Sua vontade eu desejo submeter-me. As provações que você enfrentou em Toronto são as mesmas aqui, e tanto quanto sei por toda a União. Isto é, a experiência do sétimo mês como é chamada. O nono dia (21 de Outubro de 1844) foi muito notável. Nós realizámos uma reunião durante todo o dia e o nosso lugar de culto esteve abarrotado com almas aparentemente ansiosas, à noite eu disse a alguns dos meus irmãos que Cristo não viria na manhã seguinte. Porque não? – perguntaram eles. Porque Ele não pode vir numa hora em que eles não pensem, nem como um laço. O dia seguinte foi um tempo solene, mesmo trocistas ímpios permaneceram mudos, e muitos professos oponentes observavam. Ele passou e o dia seguinte pareceu como se todos os demónios do abismo infindável tivessem sido soltos sobre nós. Os mesmos e muitos mais que estiveram chorando e clamando por misericórdia dois dias antes, estavam agora misturados com a turba e os escarneceadores troçando e ameaçando da maneira mais blasfema. Desde esse tempo ninguém se aproxima das nossas reuniões. Assim você vê que eles dão forte evidência, tal como os actos ou palavras podem falar, que estiveram terrivelmente temerosos que, pelo menos, isso pudesse ser verdade, e mostra que eles não têm confiança alguma na sua própria construção (isto é, interpretação) da palavra de Deus; pois muitos deles pretendiam crer no milénio e no regresso dos judeus. Esta é uma razão por que eles procuraram vingar-se de nós no dia seguinte, porque nós, como eles dizem, tínhamos sido os instrumentos em os expor, ou alarmar, como creio, as suas consciências culpadas. Mas, você pode perguntar, como muitos dos meus irmãos perguntam, mas quando espera você Cristo agora? Eu respondo-lhes: 'hoje'. Mas não tem nenhum tempo particular? Sim. tenho. Por favor diga-nos quando? Eu digo-lhes: é 'hoje' e hoje até Ele vir. Calculei todo o tempo que pude. Devo agora esperar e vigiar até que Ele se agrade graciosamente de responder as 10 000 orações que dia e noite ascendem ao seu santo monte, 'vem Senhor Jesus, vem depressa'.»

– Excerto de uma carta escrita por Guilherme Miller ao Dr. I. O. Orr de Toronto, Canadá, datada de 13 de Dezembro de 1844, pág.1, [tudo sic]. A carta original está no Jenks Memorial Collection of Adventual Materials at Aurora University Library, Aurora, Illinois.

Revista Adventista



PUBLICAÇÃO MENSAL
Outubro de 1994 - Ano LV • Nº 569

DIRECTOR:

J. Dias

REDACTORA:

M. R. Baptista

PROPRIETÁRIA E EDITORA:

Publicadora Atlântico, S.A.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

Rua Joaquim Bonifácio, 17
1199 Lisboa Codex
Telef. (01) 542169.

PREÇOS:

Assinatura Anual	1100\$00
Número Avulso	100\$00

EXECUÇÃO GRÁFICA:

Santos & Costa, Lda
Vale Travelho • Pedreiras
2480 Porto de Mós
Telef. (044) 402413
Fax: (044) 401575

Depósito Legal n.º 2705/83



UMA HERANÇA DE QUE DEVEMOS ORGULHAR-NOS

Faz 150 anos que teve lugar a experiência do Grande Desapontamento, em Outubro de 1844, da qual emergiu a Igreja Adventista do Sétimo Dia.

O editorial deste mês, que fala da herança e propósito da nossa igreja, é da autoria do Pastor Robert S. Folkenberg, presidente da Conferência Geral dos A. S. D.

Hoje há nações que não se orgulham da sua herança. E muitos dos indivíduos que em anos recentes pesquisaram sobre as raízes das suas famílias, só descobriram elementos que os embaraçaram. Como é que nós, Adventistas, olhamos para o nosso passado?

Do tumulto emocional que se seguiu ao episódio de 1844, emergiram quatro grupos diferentes: «Um grupo rejeitou a validade da sua experiência passada, acreditando que tudo fora um erro. Um segundo grupo viu esse insucesso como a prova de que os 2300 dias ainda não tinham terminado, conclusão essa que os levou à fixação de outras datas. Um outro grupo, embora não rejeitando a sua experiência anterior, ficou, contudo, angustiado pela dúvida. Um quarto grupo expressou confiança na justeza dos cálculos Milleritas e acreditou que a profecia de Daniel 8:14 tinha sido cumprida.»¹

Este último grupo deu mais tarde origem à Igreja Adventista do Sétimo Dia. E só ele continuou a crescer. Porquê?

Eles voltaram à Palavra

De todas as razões que se podem apresentar, talvez a mais persuasiva seja a de que este grupo regressou à Palavra. Foi na Palavra que descobriram a razão da sua recente

crise. Foi da Palavra que extraíram essas verdades que vieram a ser conhecidas entre nós como «os velhos marcos»: o ministério de Cristo no santuário celestial, as mensagens dos três anjos, a lei de Deus, o Sábado, a não-imortalidade dos ímpios.²

Muito da nossa herança, nós partilhamo-lo com todos os cristãos: a inspiração da Palavra, o monoteísmo, a Trindade, a Encarnação, a salvação pela fé em Jesus Cristo, a ressurreição, a realidade da vida eterna com Deus.

Mas, ignorados ou rejeitados pela maioria dos cristãos, os velhos marcos», juntamente com o ministério profético de Ellen G. White, provaram ser vitais para nós, como povo. Como sentinelas na noite, têm-nos protegido de erros enganosos. Como faróis na tempestade têm-nos guiado através da Cila do modernismo e liberalismo, por um lado, e através da Caríbdis do extremo conservadorismo e legalismo, por outro.

Estas manifestas evidências de guia divino não deveriam nunca tornar-nos arrogantes ou presunçosos. Por outro lado, nós nunca poderemos ter uma acção eficiente no mundo a não ser que estejamos convencidos de que o nosso movimento é um movimento com um propósito, suscitado por Deus para realizar uma missão

especial no tempo do fim. Vindo directamente da Escritura Sagrada, o nosso mandato é a mensagem dos três anjos de Apocalipse 14 – o último apelo de amor feito por Deus à humanidade. Esta é a nossa herança.

Tão-pouco deveria a nossa pequenez numérica ou a nossa taxa de prestígio no mundo desviar-nos da convicção do nosso chamado divino, como povo. A Escritura torna claro que Deus escolhe «as coisas fracas deste mundo para confundir as fortes» e «as coisas vis... para aniquilar as que são; para que nenhuma carne se glorie perante Ele» (I Cor. 1:27-29).

Notável Potencial

Os nossos pioneiros não permitiram que a sua orientação para as coisas espirituais os cegasse para os problemas do seu tempo. Muitos deles foram abolucionistas, activistas de temperança, visionários em desenvolvimento comunitário e defensores da liberdade religiosa.

Imaginem que todos viviam realmente os ensinamentos que nos foram legados, como povo. Que espécie de mundo teríamos? Penso que seria um mundo de verdadeira amizade internacional. Os negócios efectuar-se-iam numa base de honestidade e integridade. O crime acabaria. A guerra deixaria de existir. Não mais

haveria exploração dos pobres e desfavorecidos. Não mais venenos artificiais para matar e mutilar – o mundo inteiro ficaria livre do fumo do tabaco, das bebidas embriagantes e das drogas. O fosso entre as gerações desapareceria sob o poder da mensagem de Elias. As pessoas andariam pelas ruas das suas cidades sem medo de roubos, assassinatos ou assaltos. A santidade do casamento e do lar seria respeitada. Os níveis de stress desceriam, se o mundo inteiro, rejeitando a tirania da exploração materialista, parasse 24 horas para guardar o Sábado. Justiça e paz reinariam por toda a terra. Que herança!

Esta herança é vossa, meus irmãos e irmãs, quem quer que sejam, onde quer que vivam. Porque as consequências deste Movimento não são de origem ou feitura humana. Devemos tudo isto a Deus, o nosso Pai. Na igreja remanescente de Deus não há membros de segunda ordem. Seja qual for o nosso nome ou nacionalidade, temos acesso igual a todos os privilégios do Evangelho.

Muito se tem dito e escrito sobre a maneira como uma geração transmite a sua herança e princípios essenciais à geração seguinte. Uma coisa é certa: nós nunca o faremos – *nunca o poderemos fazer* – se não tivermos orgulho neles. Portanto, com renovada fé no nosso Comandante Celestial, avancemos para a realização da missão que nos foi confiada, com fé *na* e orgulhosos *da* maravilhosa herança que é a nossa.

1. Roy Adams, *The Sanctuary Doctrine*, Andrews University Press, 1981, p. 20. Cf. Apolos Hala, «Editorial Correspondence», *Adventist Herald*, 10 de Setembro de 1845, p. 40.

2. E. G. White, *Conselhos a Escritores e Redactores*, pp. 30, 31.

1844 – UM MARCO MILIÁRIO NA HISTÓRIA DA SALVAÇÃO

A multissecular marcha da História da Salvação tem sido assinalada por sucessivos marcos miliários correspondentes a outras tantas datas que, de incontestável exactidão cronológica, se referiam a acontecimentos primeiro mal interpretados e depois correctamente identificados pelos respectivos contemporâneos.

O ano 457 a. C. é precisamente um desses marcos miliários. Solidamente estabelecida, com base na contagem das Olimpíadas, no Cânon de Ptolomeu, nos papiros de Elephantina e em tabletes cuneiformes de Babilónia, esta data, correspondente ao 7.º ano de Artaxerxes I, rei da Pérsia,¹ assinala o início de dois importantes períodos proféticos – as 70 Semanas de Daniel 9:25-27 e as 2300 tardes e manhãs de Daniel 8:14.

A primeira metade da 70.ª Semana

No começo da 70.ª Semana, ou seja, no ano 27 da era cristã,² o «Messias, o Príncipe», iniciaria o Seu ministério público.

Com efeito, nesse mesmo ano, «veio Jesus para a Galileia, pregando o evangelho do reino de Deus, e dizendo: *O tempo está cumprido*, e o reino de Deus está próximo.» Marcos 1:14, 15.

Tinha, pois, chegado o tempo em que o próprio Messias, Jesus Cristo, começaria a anunciar as boas novas do reino de Deus – a Sua grande mensagem com um total de 104 referências nos Evangelhos (46 em Mateus, 16 em Marcos, 38 em Lucas e 4 em João). A

esse tema, além de alusões ocasionais, dedicou Jesus o Sermão da Montanha (Mateus 5 a 7), as parábolas do Reino (Mat. 13; 18:23; 20:1; 21:31, 43; 22:2; 25:1; Luc. 14:15; 19:11) e, de um modo particular, o discurso escatológico de Mateus 24 e 25.

Para que não ficassem dúvidas no espírito dos Seus ouvintes, Jesus esclareceu em termos inequívocos a verdadeira natureza do reino de Deus e as condições indispensáveis para ter nele ingresso: transformação individual (Mat. 4:17; João 3:3,5; Mat. 18: 1, 3, 4); espírito receptivo à influência divina (Mat. 5:3; 19:23, 24); entrega absoluta (Mat. 6:33; Luc. 9:62); obediência às normas do Reino (Mat. 5:19, 20); o Reino não viria, por enquanto, com aparência exterior (Luc. 17:20, 21); o Reino de Jesus «não é deste mundo» (João 18:36); e, finalmente, quem não seria admitido no Reino (Mat. 7:21; Luc. 13:23-29).

Apesar de tão claras afirmações por parte de Jesus, como compreenderam muitos dos Seus ouvintes a natureza do reino a que Ele Se referia? Não discernindo as realidades espirituais em causa, olhavam para o Messias como devendo ser um rei temporal, assumindo uma direcção política e levando a cabo a libertação do povo judeu oprimido sob o odiado jugo romano.

Encontramos uma manifestação típica dessa crença quando, depois da primeira multiplicação dos pães, os beneficiados pensaram em «arrebatarl'O, para O fazerem rei» (João 6:15), pretensão essa frontalmente contrariada por Jesus no célebre discurso do pão

da vida, pronunciado no dia seguinte na sinagoga de Cafarnaum, em consequência do qual «desde então muitos dos seus discípulos tornaram para trás, e já não andavam com Ele». Vers. 66.

Mas tempo depois vemos essa mesma crença persistir no espírito de alguns dos mais fiéis discípulos do Mestre. Quem não recorda, a propósito, o pedido da esposa de Zebedeu a favor dos seus filhos Tiago e João: «Dize que estes meus dois filhos se assentem, um à Tua direita e outro à Tua esquerda, no Teu reino»? Mat. 20:21.

Terminado o Seu ministério itinerante, quando Jesus faz menção de Se dirigir para Jerusalém, «cuidavam que logo se havia de manifestar o reino de Deus» (Luc. 19:11). E essa expectativa se fortaleceu quando o próprio Mestre preparou a Sua entrada triunfal em Jerusalém, o que provocou a espontânea aclamação por parte de «toda a multidão dos discípulos»: «Bendito o Rei que vem em nome do Senhor.» Luc. 19:37, 38.

A segunda metade da 70.^a Semana

Mas, de acordo com a predição profética, no início da segunda metade da 70.^a Semana, ou seja, na Páscoa do ano 31 da era cristã, «será tirado o Messias» e «fará cessar o sacrifício e a oferta de manjares». Daniel 9:26, 27.

Com efeito, nessa altura foi morto Jesus Cristo, o Messias, pondo termo, como a realidade para a qual apontavam os sacrifícios oferecidos no templo, a todo o cerimonial simbólico da antiga dispensação.

Foi então que o Reino anunciado pelo Mestre – não um reino temporal mas o espiritual Reino da graça – teve o seu prometido começo.

A este propósito escreveu E. G. White: «Quando o Salvador rendeu a vida, e em Seu último alento clamou: 'Está consumado', assegurou-se naquele instante o cumprimento do plano da redenção. Ratificou-se a promessa de libertamento feita, no Éden, ao casal pecador. *O reino da graça*, que antes existira pela promessa de Deus, *foi então estabelecido.*»³

Apesar da importância vital da morte de Jesus – significando nada menos do que o próprio estabelecimento do Reino da graça, condição indis-

pensável para o estabelecimento do Reino da glória – a crucifixão do Mestre, em vez do esperado triunfo, constituiu para os discípulos uma amarga decepção.

Desse estado de espírito dão testemunho as desoladas palavras de Cléofas e seu companheiro ao regressarem à aldeia de Emaús, no mesmo dia em que Jesus ressuscitara: «E nós esperávamos que fosse Ele o que remisse Israel.» Luc. 24:21.

Foi então necessário que o Mestre lhes chamasse a atenção para a verdadeira natureza e significado dos acontecimentos que acabavam de ocorrer: «Ó néscios e tardos de coração para crer tudo o que os profetas disseram! Porventura não convinha que o Cristo padecesse estas coisas e entrasse na Sua glória? E começando por Moisés, e por todos os profetas, explicava-lhes o que d'Ele se achava em todas as Escrituras.» Luc. 24:25-27.

Pouco depois, nesse mesmo dia, no local onde «cerradas as portas, os discípulos, com medo dos judeus, se tinham ajuntado» (João 20:19), ao apresentar-Se Jesus no meio deles, «espantados e atemorizados, pensavam que viam algum espírito». Mas o Mestre os tranquilizou, dizendo: «Convinha que se cumprisse tudo o que de Mim estava escrito na lei de Moisés, e nos Profetas e nos Salmos. Então abriu-lhes o entendimento para compreenderem as Escrituras, e disse-lhes: Assim está escrito e assim convinha que o Cristo padecesse, e ao terceiro dia ressuscitasse dos mortos, e em Seu nome se pregasse o arrependimento e a remissão dos pecados em todas as nações, começando por Jerusalém.»

E Jesus continuou: «Eis que sobre vós envio a promessa de Meu Pai; ficai, porém, na cidade Jerusalém, até que do Alto sejais revestidos de poder.» Luc. 24:44-49.

Com efeito, passadas poucas semanas, no dia do Pentecostes, em cumprimento da profecia de Joel 2:28, 29, o Espírito Santo desceu sobre os apóstolos, dando início à Igreja Cristã e à maravilhosa expansão do Evangelho a todo o mundo conhecido de então.

O termo das 2300 Tardes e Manhãs

A partir dos meados do século

XVIII e sobretudo durante a primeira metade do século XIX, observou-se, com base no estudo das profecias cronológicas e com notáveis protagonistas tanto na Europa como na América, um vasto movimento de expectativa centralizada na vinda gloriosa do Senhor Jesus.

Elementos destacados desse movimento foram, entre outros, o católico Manuel Lacunza (1731-1801), o rico banqueiro anglicano e membro do Parlamento inglês Henry Drummond (1786-1860), o congregacionista William Cunningham (1776-1846), o judeu, convertido ao Cristianismo, Joseph Wolff (1795-1862), o presbiteriano Edward Irving (1792-1834), o teólogo suíço François Gausson (1790-1863), e, nos Estados Unidos, o baptista William Miller (1782-1849), o metodista Josiah Litch (1809-1886), o congregacionista Charles Fitch (1805-14 de Outubro de 1844), e o dinâmico pastor, editor e organizador evangélico Joshua Himes (1805-1895).

Perto de 1844, numa pequena publicação da época, afirmava-se que nada menos de 700 pregadores da Igreja da Inglaterra estavam a pregar por essa altura «a esperança de breve volta do Redentor». ⁴ Por sua vez, o famoso historiador e membro do Parlamento, Thomas B. Macaulay, notava, em 1844, que o numero dos que criam na iminente volta de Cristo incluía «homens distintos pela sua posição social, riqueza e competência». E acrescentava: «Nobres e membros do Parlamento têm escrito em defesa desta crença.» ⁵

Foi, porém, nos Estados Unidos que a crença na segunda vinda de Cristo a ocorrer nos meados do século XIX, e precisamente em 1844, atingiu maior expansão e mais intensa expectativa.

Calcula-se que, neste país, se elevava a mais de 50.000 o número de crentes que esperavam a segunda vinda de Cristo para 22 de Outubro de 1844, ⁶ data que, de acordo com o calendário judaico, correspondia a 10 do mês de Tishri – o Dia das Expições, em que outrora era purificado o santuário terrestre.

A preparação em vista de tão almejado acontecimento, sobretudo a partir do «Clamor da Meia Noite» por ocasião do Congresso de Exeter, New Hampshire, nos meados de Agosto,

revestira-se de um carácter, não de terror alarmista, mas de genuína vivência espiritual.

Como se poderia ler, um pouco mais tarde, em artigo publicado na revista precisamente intitulada *Midnight Cry* de 31 de Outubro de 1844, esse movimento «produzira por toda a parte a mais profunda investigação de coração e humilhação de alma perante o Deus do alto Céu. Causara um desprendimento de afeições das coisas deste mundo, um saneamento de controvérsias e animosidades, confissões de males praticados, profunda contrição de coração, acompanhada de humildes súplicas dirigidas a Deus em busca de perdão e aceitação. Causara uma humilhação e prostração de alma, tais como nunca havíamos testemunhado.» E prosseguiram os editores da mencionada revista: «Não parecia ser obra de homens. Não podíamos deixar de exclamar: 'Quem éramos nós, para que pudessemos resistir a Deus?'»⁷

Mas a verdade é que falharam rotundamente as suas expectativas da vinda gloriosa de Cristo na data anunciada. Podemos imaginar a consternação sentida ao escoarem-se os últimos minutos do dia 22 de Outubro de 1844, citando a evocação feita por um dos mais fervorosos protagonistas do Movimento, o piedoso agricultor Hiram Edson: «Nós confiadamente esperávamos ver Jesus Cristo e todos os santos anjos com Ele; e que a Sua voz chamaria Abraão, Isaac e Jacob, e todos os Seus servos do passado, e os chegados e queridos amigos que nos tinham sido arrebatados pela morte, e que iriam terminar as provações e sofrimentos da nossa peregrinação terrestre, e que seríamos tomados para nos encontrarmos com o nosso Senhor, na Sua vinda, para estar sempre com Ele e habitar as brilhantes e áureas mansões da áurea cidade preparada para os remidos. As nossas expectativas subiram alto, e assim aguardávamos a vinda do nosso Senhor até que o relógio souou as doze à meia noite. As nossas mais caras esperanças e expectativas foram arrasadas, e veio sobre nós um tal espírito de pranto como nunca antes tínhamos experimentado. Parecia que a perda de todos os amigos terres-

tres nada era em comparação. Chorámos e chorámos até ao alvorecer.»⁸

Melhor compreensão das Escrituras

Da mesma maneira que os contemporâneos de Jesus podiam ter evitado a decepção por que passaram se tivessem compreendido correctamente o que acerca do Seu ministério, morte e ressurreição, e do estabelecimento do reino da graça em vez do estabelecimento de um reino político, se encontrava predito nas Escrituras Sagradas, assim também os teólogos e crentes que aguardavam para 1844 a segunda vinda de Cristo e o estabelecimento do Seu reino glorioso não precisavam de ter experimentado o desapontamento por que passaram se tivessem atentado para o verdadeiro significado do ritual do santuário, do capítulo 7 de Daniel, de Lucas 12, de Hebreus 8 e 9, e dos capítulos 10 a 14 de Apocalipse.

Com efeito, embora estivessem absolutamente certos ao fazerem coincidir o termo das 2300 tardes e manhãs com o ano de 1844, estavam totalmente errados ao interpretarem a frase «e o santuário será purificado» de Daniel 8:14 como referindo-se à purificação da Terra ou da Igreja pela segunda vinda de Cristo.

De facto, em parte alguma da Bíblia Sagrada se atribui à Terra ou à Igreja a designação de santuário.

Por outro lado, um cuidadoso estudo das Escrituras levou um grupo de crentes, após o desapontamento de 1844, a reconhecer que o único santuário actualmente existente é o Santuário Celeste, de que o santuário terrestre era apenas uma figura, e que antes da segunda vinda de Cristo era necessário que ocorresse a fase final do ministério de Cristo em favor do Seu povo tipificada pelo ministério do sumo sacerdote terrestre no Dia das Expiacções.

Na realidade, o reino da glória não podia ser estabelecido sem que antes se efectuasse o juízo dos santos do Altíssimo, cuja admissão no Reino devia ser reivindicada perante todo o Universo. Só depois desse juízo, que obviamente não podia ser instantâneo, pois durante ele a vida de cada crente devia

ser meticulosamente analisada de acordo com o que a seu respeito se encontra registado nos «livros» (Daniel 7:10), ocorreria a gloriosa vinda de Jesus.

Chegados a esta conclusão, os nossos pioneiros descobriram que a amarga decepção por que haviam passado e a obra ainda a realizar pela Igreja Remanescente já estavam preditas no último livro da Bíblia, o Apocalipse.

Se é verdade que a Daniel fora dito: «*Fecha estas palavras e sela este livro, até ao tempo do fim*» (Dan. 12:4; cf. vers. 9, 10), é também verdade que em Apocalipse, com referência ao tempo do fim, esse livro aparece *aberto*, e é oferecido por um anjo ao profeta João, com as palavras: «Toma-o, e come-o, e ele fará amargo o teu ventre, mas na tua boca será doce como mel.» E logo – continua o profeta – «tomei o livrinho da mão do anjo, e comi-o; e na minha boca era *doce como mel*; e havendo-o comido, o meu ventre ficou *amargo*». Apocalipse 12:2, 9, 10.

Com que precisão estava aqui descrita a experiência que os crentes viveram com o amargo desapontamento de 1844!

Mas, felizmente, as palavras do anjo não findam aqui. Antes de se retirar, transmite a João, e na sua pessoa à Igreja Remanescente, o premente mandato missionário: «Importa que profetizes outra vez a muitos povos, e nações, e línguas e reis.» Vers. 11.

E esse mandato, enquanto no Céu prossegue o juízo em favor dos que hão-de entrar no reino da glória, seria executado na Terra pelo povo de Deus – sob o símbolo de três anjos, como por um anjo fora simbolizado João Baptista, o precursor de Jesus (Mal. 3:1; Mat. 11:10), – tal como se encontra registado na tríplice mensagem de Apocalipse 14:6-12.

Em cumprimento das palavras proferidas em Apoc. 10:11, a Igreja Remanescente «*tinha o evangelho eterno*, para o proclamar ao que habitam sobre a Terra, e *a toda a nação, e tribo, e língua e povo*». 14:6.

E no contexto cronológico dessa proclamação, que acontecimento actual devia ser anunciado com grande voz? Precisamente o acontecimento que co-

meçara a decorrer no Santuário Celeste: «Vinda é a hora do Seu juízo.» Vers. 7. E daí a necessidade de uma profunda transformação espiritual enquanto dura o tempo da graça.

Simultaneamente, seria posta em evidência a generalizada apostasia da Babilónia espiritual e a necessidade de fugir à sedução dos seus fascínios, por uma obediência fiel à verdade revelada na Palavra de Deus. Vers. 8.

Além disso, é lançado o desafio vital de uma escolha entre duas opções: ou a do sinal de lealdade a Deus ou a do sinal de acatamento da apostasia. Vers. 9:11.

Finalmente, é descrita a situação da Igreja Remanescente, tal como se apresentará antes da segunda vinda de Cristo: «Aqui está a paciência dos santos; aqui estão os que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus.» Vers. 12; cf. cap. 12:27.

Paralelo entre o fim das 70 Semanas e o fim das 2300 Tardes e Manhãs

Para tornar mais visível a semelhança entre os dois «desapontamentos», talvez seja útil a observação do seguinte quadro comparativo:

As 70 Semanas	As 2300 Tardes e Manhãs
1. A 70. ^a Semana (27-34 da e. C.)	1. As 2300 tardes e manhãs (1843-1844)
2. Era então esperada a vinda de Messias para estabelecer o Seu reino temporal. a) Movimento à escala judaica. b) Os discípulos em particular. Mat. 20:21; 21:9; Act. 1:6.	2. Era então esperada a vinda do Messias para estabelecer o Seu reino eterno. a) Movimento à escala mundial. b) Os Milleritas em particular. Mais de 50.000 crentes.
3. Decepção dos discípulos por não ter sido estabelecido o reino temporal na data em que esperavam.	3. Desapontamento dos Milleritas por não ter vindo Jesus na data em que esperavam.
4. A data estava correcta, mas a interpretação estava errada.	4. A data estava correcta, mas a interpretação estava errada.
5. O Espírito Santo guiaria na interpretação correcta. João 14:26; 16:13, 14; Act. 2. Dons espirituais.	5. O Espírito Santo guiaria na interpretação correcta. O Espírito de Profecia (Visão de E. G. White, em Dezembro de 1844).
6. O que estava predito e ocorreu era parte importante no plano da salvação: morte expiatória de Cristo, Sua ressurreição e sua subida ao céu para aí officiar como Sacerdote.	6. O que estava predito e ocorreu era parte importante no plano da salvação: o ministério judicial de Jesus no Santuário Celeste – o Juízo e os últimos acontecimentos até à Segunda Vinda.
7. Surge a Igreja Apostólica. a) Não como resultado da decepção, b) Mas para levar a todo o Mundo o Evangelho (no contexto do Lugar Santo). Mat. 16:13 a 17:8; 28:18-20 (Marc. 16:15, 16); Act. 1:8.	7. Surge a Igreja Remanescente. a) Não como resultado do Desapontamento, b) Mas, de acordo com a predição, para levar a todo o mundo o Evangelho eterno (no contexto do Lugar Santíssimo). Apoc. 10:10, 11; 14:6-12; Mat. 24:14.
8. A ira do dragão contra a Igreja nascente. Apoc. 12:13-16.	8. A ira do dragão contra a Igreja Remanescente. Apoc. 12:17.

Conclusão

Chegados ao fim deste nosso estudo, podemos concluir, com segurança, que, longe de nos sentirmos iludidos, estamos precisamente cumprindo a obra que Deus tem para a Sua Igreja nesta hora final da história do Mundo, como preparação para a vinda gloriosa do Senhor Jesus Cristo.

Referências

(1) Para o estabelecimento desta data, ver Siegfried H. Horn and Lynn H. Wood, *The Chronology of Ezra 7*. Washington D.C.: Review and Herald Publ. Assn., 1953, pags. 100-105.

(2) Sobre a exactidão desta data, ver *Seventh-day Adventist Bible Commentary*, vol. 7. Washington D.C.: R.H.P.A., 1956, pags. 242-247.

(3) E. G. White, *O Grande Conflito*. Sacavém: Publicadora Atlântico, 1975, pags. 280, 281.

(4) Citado por L. E. Froom, *The Prophetic Faith of Our Fathers*, vol. III. Washington D.C.: Review and Herald Publ. Assn., p. 706.

(5) *Id., Ibid.*, pág. 268.

(6) Francis D. Nichol, *The Midnight Cry*. Washington D.C.: Review and Herald Publ. Assn., 1944, pags. 204, 205.

(7) C. Mervyn Maxwell, «The Midnight Cry», in *Adventist Review*, 8 de Setembro de 1994, pág. 13.

(8) George R. Knight, ed., *1844 and the Rise of Sabbatarian Adventism*. Reproductions of Original Historical Documents. Hagerstown, Md.: Review and Herald Publ. Assn., 1994, pág. 125.

O pastor Ernesto Ferreira, aposentado mas activo, foi presidente das Uniões Portuguesa e Angolana e é o director do Curso de Formação Permanente para Obreiros Voluntários.

O DIA DAS EXPIAÇÕES NO SANTUÁRIO ISRAELITA: IMPLICAÇÕES PARA HOJE

O dia das expiações¹ era o dia principal do ritual do santuário israelita.² O significado desse dia não termina com a morte de Cristo e com a destruição do templo de Jerusalém. É nosso objectivo mostrar qual é o significado desse dia hoje.

O dia das expiações no santuário israelita – terminologia básica

O capítulo 16 de Levítico dá-nos os pormenores essenciais do ritual do dia das expiações.³

Esse dia⁴ tinha por objectivo fazer expiação pelo santuário.⁵ O significado do termo “expiação” tem sido alvo de discussão. MITTON⁶ exprime o consenso quase geral, que atribui à “expiação” o valor de “cobrir”. É nossa convicção que se trata simultaneamente de “proteger” o pecador/santuário da causa do pecado ou impureza, e afastar essa mesma causa do pecador/santuário. Tal expiação era feita por intermédio do sangue do sacrifício de animais específicos.

Um segundo objectivo do dia das expiações era o de purificar. Com efeito, o sumo sacerdote devia banhar a sua carne em água.⁷ Aquele que levava o bode emissário devia lavar os seus vestidos e banhar a sua carne em água.⁸ Aquele que queimava o novilho da expiação e o bode da expiação devia igualmente lavar os seus vestidos e banhar a sua carne em água.⁹ Enfim, todo o povo devia ser purificado pela expiação levada a efeito nesse dia: “Naquele dia se fará expiação por vós,

para purificar-vos; e sereis purificados.”¹⁰ O termo *thr* é igualmente utilizado no versículo 19. Desta vez a purificação faz-se por meio do sangue de um novilho e de um bode. Esta purificação refere-se ao altar que se encontrava no pátio.

Curiosamente, certos termos não são utilizados na Torah em relação com o dia das expiações. Assim, nunca se faz menção da purificação do santuário propriamente dito. Alude-se apenas à purificação do altar do pátio e à purificação do povo e dos oficiantes.

Também não é utilizado o termo “perdão”. Com efeito, todos os sacrifícios eram colectivos, não de perdão, mas de expiação. Logo não se pode falar de “dia de perdão”.¹¹

Por outro lado, no dia das expiações, cada pessoa devia “afligir a sua alma”. Essa atitude tinha por consequência a aceitação colectiva do povo de Israel. Cada indivíduo era responsável pelo êxito da aceitação de todo o povo.¹²

Em suma, o dia das expiações implicava o inocentar da congregação, pelo que a expiação era assim um acto jurídico. Ao longo do ano, a expiação era feita por cada pessoa, que era igualmente perdoada. No dia das expiações a expiação abrangia a congregação, com o inocentar do santuário e com a eliminação definitiva da causa do pecado, simbolizada pelo bode emissário.¹³ Este era para o efeito enviado para o deserto, onde devia morrer.¹⁴ Com ele desapareciam todas as faltas ou acusações que tinham pesado contra o povo de Israel ao longo do ano.

O simbolismo deste dia ultrapassa a dimensão veterotestamentária.

O dia das expiações - implicações para hoje

As escrituras referem-se a um santuário extraterrestre. São conhecidas as alusões de Daniel 8 e 9 a esse santuário. Tudo o que é contrário à santidade de Deus deve ser eliminado. Tal eliminação é expressa pelo termo *nitzdaq*¹⁵ em Daniel 8:14: “e o santuário será justificado”. É óbvio que no sentido literal não há no céu um “ritual” do santuário. Toda a obra de salvação levada a efeito por Jesus Cristo é de carácter jurídico. Ao expiar os pecados do povo,¹⁶ Ele veio desfazer as obras do diabo.¹⁷ Ele veio para nos proteger desse inimigo comum.¹⁸ Ao reconciliar-nos consigo,¹⁹ e ao proferir um “está consumado”,²⁰ Cristo tornou possível e efectiva a nossa salvação a partir de “hoje”.²¹ É a partir de “hoje” que o perdão dos pecados nos é outorgado.²² E a Sua obra de Advogado continua,²³ desde a Sua ressurreição, no santuário celeste.²⁴

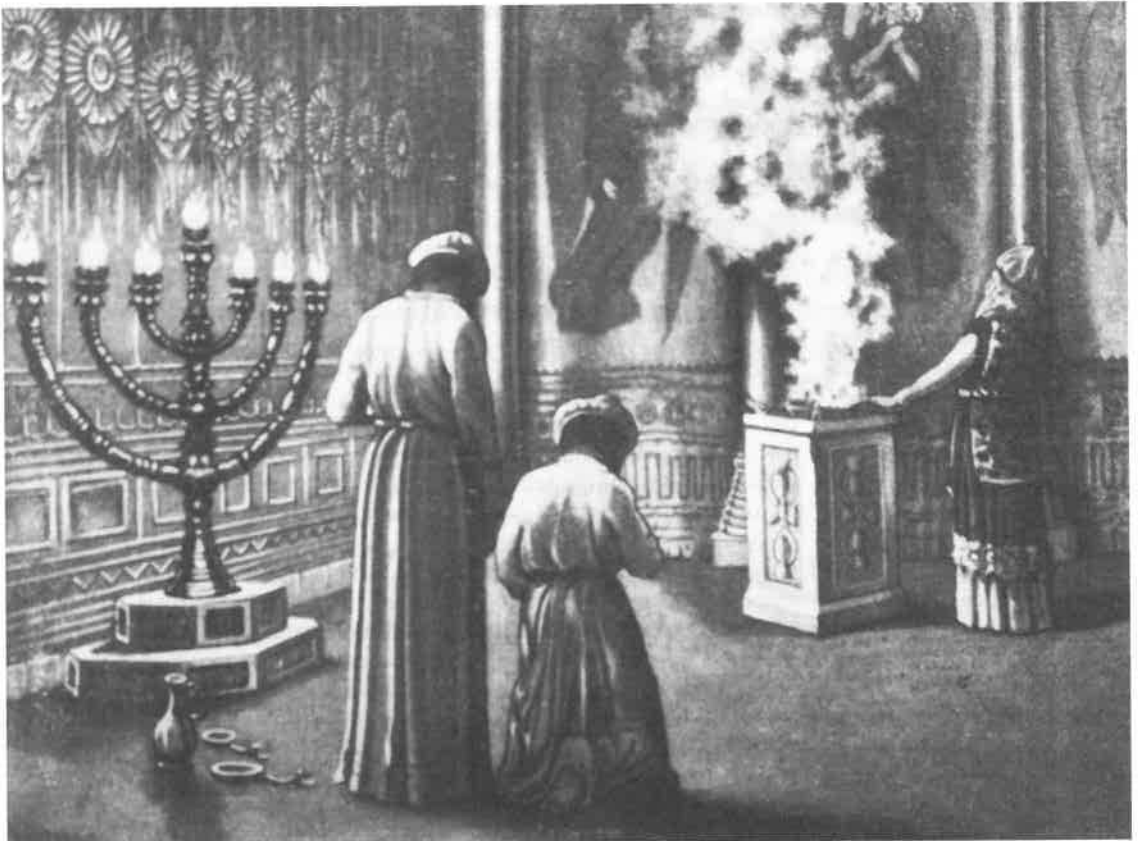
Paralelamente ao ritual do santuário israelita, Jesus, o nosso Sumo Sacerdote, continua a fazer expiação pelos nossos pecados e a perdoar-nos. O sangue da aliança renovada²⁵ é, para o efeito, suficiente desde o Calvário.

O fim das duas mil e trezentas tardes e manhãs parece coincidir com o dia cósmico das expiações. Trata-se primeiramente de um dia de aceitação colectiva do povo de Deus e, em se-

gundo lugar, esse dia culminará com a eliminação da causa do mal.²⁶

Conclusão

O dia das expiações israelita pode ser posto em paralelo com a profecia de Daniel 8:14. Assim, o dia das expiações implica o inocentar do santuário, quer terrestre quer celeste. Este acto é de carácter jurídico. Ele é a sequência da obra de Cristo, que Se ofereceu de uma vez para sempre.²⁷ Tal como no dia das expiações de



Aspecto do Santuário Israelita tal como reconstruído a partir da descrição bíblica.

Levítico 16, essa obra só será terminada quando o povo de Deus for reunido e a causa do pecado desaparecer. Se, na realidade, esse dia já começou, urge admoestar-nos uns aos outros, “tanto mais quanto vedes que se vai aproximando aquele dia”.²⁸ Está perto o dia em que não haverá mais perdão, pois “quem é injusto faça injustiça ainda; e quem está sujo, suje-se ainda; e quem é justo faça justiça ainda; e quem é santo seja santificado ainda.”²⁹

Referências

- (1) *Yom hakkipurim*, plural.
- (2) Sábado dos Sábados, *shabbat shabbaton*.
- (3) Cf. Levítico 23; Números 29:7-11 (ref. a *kkippurim*). Note-se que a frase *yom hakkipurim* aparece apenas em Levítico 23:27,28. A tradução “dia da expiação” é, portanto, incorrecta. Para pormenores sobre diferentes aspectos do dia das expiações, ver G. F. HASEL, “Studies in Biblical Atonement I: Continual Sacrifice, Defilement/Cleansing and Sanctuary”, em *The Sanctuary and the Atonement*, Washington, D.C.: Review and

Herald Publ. Assn., 1981, págs. 87-114; «Studies in Biblical Atonement II: The Day of Atonement», *Ibid.*, págs. 115-133.

(4) O décimo dia do mês hebraico de Tshri, equivalente a Setembro/Outubro.

(5) *Kipper*. O verbo *kipper* aparece no Antigo Testamento 101 vezes, das quais 25 se encontram no capítulo 16 de Levítico. Em relação à expiação do santuário, ver Levítico 16:16, 20, 33.

(6) Para uma discussão introdutória ao termo «expiação» e à expressão «dia das expiações», ver, por exemplo, C. L. MITTON, «Atonement», em *The Interpreter's Dictionary of the Bible*, Nashville: Abingdon Press, vol. I, 1982, págs. 309-313; J. C. HYLARASDAM, «Atonement, Day of», *Ibid.*, págs. 313-316.

(7) Versículos 4 e 24.

(8) Versículo 26.

(9) Versículo 28.

(10) Versículo 30. Verbo para «purificar», *thr*.

(11) Como é chamado pelo povo judeu hoje. Lembremos que cada dia o sacerdote fazia, pelo pecador, a expiação do seu pecado, e lhe era perdoado. Levítico 4:20, 26, 35.

(12) Note-se que embora o dia das expiações fosse dia de santa convocação, o termo «festa», *hag*, não é utilizado. Com efeito, havia três festas ou «peregrinações» no ca-

lendário judaico: a da Páscoa, Deuterónimo 16:1-9; a das Semanas, Deuterónimo 16:10-12; e a dos Tabernáculos, Deuterónimo 16:13-16.

(13) Dito para «Azazel». Cf. vers. 8, 9, 10, 26.

(14) Vers. 21, 22.

(15) Justificado, inocentado, vindicado. Qualquer destes termos exprime correctamente o acto jurídico que tem lugar no céu.

(16) Hebreus 2:17.

(17) I João 3:8.

(18) João 10:28.

(19) Romanos 5:10; 2 Coríntios 5:18, 19.

(20) João 19:30.

(21) Hebreus 3:13, 15.

(22) I João 1:9.

(23) I João 2:1.

(24) Hebreus 4:14-16; 5:1; 7:21-27; 8:1, 2; 9:24.

(25) Mateus 26:28.

(26) Apocalipse 20:15. Todo o capítulo ilustra bem a segunda e última fase do dia das expiações celestes.

(27) Hebreus 9:28.

(28) Hebreus 10:25.

(29) Apocalipse 22:11.

O pastor Teófilo Ferreira é professor de Antigo Testamento na Faculdade Adventista de Teologia, em Collonges-sous-Salève, França.

A LUZ CONTINUA A BRILHAR

22 de Outubro de 1944 tornou-se um raio de esperança para o Movimento Adventista. O grande relógio do tempo profético de Deus estava certo. O Seu acto final na grande controvérsia começara.

22 de Outubro de 1844. A maioria dos Adventistas do Sétimo Dia, mesmo aqueles que quase nada sabem da nossa herança, têm ouvido falar do **Grande Desapontamento de 22 de Outubro de 1844**. Como o dia da Independência em muitos países, ou o dia do aniversário do rei noutros, esta data sobressai acima de todas as outras na história adventista.

E deve ser assim mesmo, pois esse dia marcou o fim do grande período da profecia de 2300 dias de Daniel 8:14, e o começo da cena do juízo final no céu tal como é descrito pelo profeta em Daniel 7:9-10: «Eu continuei olhando, e um Ancião de dias se assentou, o seu vestido era branco como a neve, e o cabelo da sua cabeça como a limpa lã; o seu trono chamava de fogo, e as rodas dele fogo ardente. Um rio de fogo manava e saía de diante dele: milhares de milhares o serviam, e milhões de milhões estavam diante dele: assentou-se o juízo, e abriram-se os livros.»

Eventualmente, em vez de ser um dia de desapontamento, o **22 de Outubro de 1844 tornou-se um raio de esperança para os nossos pioneiros**. O grande relógio do tempo profético de Deus estava certo. O Seu acto final na grande controvérsia começara!

Mas estamos a adiantar na nossa história, porque, como todos nós sabemos, faz hoje [22 de Outubro de 1994] 150 anos que os nossos antepassados Adventistas Milleritas estavam a aguardar o retorno de Jesus. E quando Ele

não voltou como esperavam, o palco foi encenado para um dos mais notáveis eventos na história do Adventismo.

Venham comigo, na vossa imaginação, ao ano de 1844, a uma casa pequena no número 44 da Rua Clark, em Portland, Maine, onde vive a família Harmon. O pai, Roberto, é um fabricante de chapéus. A mãe, Eunice, é uma dona de casa. Ambos os pais, assim como os seus filhos que ainda viviam em casa, tinham aceitado o Adventismo pregado por Guilherme Miller. Miller tinha vindo pregar duas vezes a Portland – em Março de 1840 e outra vez em Junho de 1842. Em ambas as vezes a família Harmon tinha ido ouvir a sua pregação. Em Setembro de 1843 devido à sua crença na breve vinda de Cristo, a família Harmon foi excomulgada da igreja Metodista em Portland onde eram membros.

Embora não mais fossem Metodistas, os Harmons continuaram a adorar com os Adventistas Milleritas, enquanto partilhavam a sua fé com todos quantos estivessem dispostos a ouvir. Recordando esse tempo, Ellen White escreveu mais tarde:

«Com diligente busca de oração e humildes confissões, aproximámo-nos com oração do tempo da expectação. Cada manhã sentíamos que era nossa primeira tarefa assegurar-nos da evidência de que as nossas vidas eram rectas perante Deus. Compreendíamos que, se não estávamos a avançar em santidade, então era certo que estávamos a regredir. O nosso interesse uns pe-

los outros aumentava; orávamos muito com e uns pelos outros. Reuníamos-nos em pomares e bosques para comungar com Deus e elevar as nossas petições a Ele, sentindo-nos mais plenamente na Sua presença quando rodeados pelas Suas obras naturais. As alegrias da salvação eram-nos mais necessárias do que a nossa comida ou bebida. Se nuvens obscurecessem as nossas mentes, não usávamos descansar ou dormir até que elas fossem afastadas pelo sentimento da nossa aceitação por parte do Senhor.» – *Life Sketches*, págs. 60-61.

Considerando a sua experiência não é de admirar que Ellen White exclamasse: «Este foi o ano mais feliz da minha vida.» – *Ibid.*, pág. 59. Porque não devia ter sido? Afinal de contas, *Jesus ia vir!*

É impossível para nós agora, 150 anos mais tarde, compreender completamente os sentimentos daqueles pioneiros que creram de todo o seu coração que Jesus ia retornar naquela Terça-feira, 22 de Outubro.

Apenas semanas . . . Depois dias . . . E finalmente apenas horas até Ele voltar! Como terá sido isso? Já alguma vez te perguntaste a ti mesmo: “Se eu acreditasse realmente que Jesus ia voltar na próxima Terça-feira, como estaria eu a viver?” Que coisas diferentes poderias fazer, entre agora e então, se estivesse certo de que Ele iria regressar dentro de três dias? Essa foi a experiência por que passaram os nossos pioneiros.

Mas Cristo não voltou. E uma vez mais é-nos impossível com-

preender realmente o seu terrível, esmagador desapontamento. Recordando esse tempo terrível, **Hirão Edson**, um pioneiro Adventista que vivia na parte ocidental do estado de Nova Iorque, escreveu:

«As nossas mais acariciadas esperanças e expectativas foram desfeitas, e um espírito tal de choro abateu-se sobre nós como nunca experimentei antes. Parecia não haver comparação alguma com a perda de todos os amigos terrestres. Nós chorámos, chorámos, até ao amanhecer do dia.» – Citado por F. D. Nichol, em *The Midnight Cry*, Edição Original, págs. 247-248.

A família Harmon – Ellen e os outros – suportaram a angústia daquele dia que amanhecera com tão brilhante esperança e findara em amargo desapontamento. Que se passara de errado? Porque não viera Jesus como tinha sido esperado?

Uma vez mais Hirão Edson dá-nos um vislumbre sobre o que se passou nas mentes daqueles crentes desapontados. Ele escreveu: «Eu meditei no meu próprio coração, dizendo: a minha experiência adventista tem sido a mais rica e a mais brilhante de toda a minha experiência cristã. Se isto se provou um fracasso, qual era o valor do resto da minha experiência cristã? Provou-se ser a Bíblia falha? Não há nenhum Deus, nenhum céu, nenhuma cidade-lar dourada, nenhum paraíso? É tudo isto apenas uma fábula habilmente engendrada? Não há realidade alguma para a nossa mais acariciada esperança e expectação des-

Robert S. Folkenberg

tas coisas?» – *Ibid.*, pág. 248; (CHL, pág. 264).

Hirão Edson recebeu o seu primeiro vislumbre da razão por que Cristo não viera enquanto caminhava através dum campo na manhã seguinte ao grande Desapontamento. Mas passar-se-iam meses antes dos desapontados Adventistas em Port Gibson, Nova Iorque, onde Edson vivia, e os seus amigos em Portland, Maine, onde viviam os Harmons, chegarem à completa compreensão do que acontecera em 22 de Outubro. Por agora, durante esses primeiros dias e semanas difíceis após o desapontamento, os crentes dispersos – aqueles que não se tinham deixado desencorajar e desistido inteiramente da sua fé – empenharam-se no estudo das suas Bíblias e na oração, procurando descobrir o que se tinha passado de errado.

Durante algum tempo, após o dia 22 de Outubro, eles continuaram a aguardar o retorno de Cristo cada dia. Havia o sentimento de que tivesse ocorrido algum cálculo errado na sua contagem, e que, dum momento para o outro, as nuvens se abriam e Ele apareceria. Mas à medida que os dias se transformaram em semanas, sentiram-se forçados a concluir que a sua crença no 22 de Outubro era infundada. Afinal de contas, pareceu-lhes que a profecia falhara. Para Ellen e os outros, o 22 de Outubro acabou gradualmente por perder todo o significado profético. Os acontecimentos que esperaram ter lugar naquela data, agora pensavam que poderiam ocorrer em qualquer tempo no futuro.

Foi também durante este tempo que a saúde da jovem Ellen piorou. Não tendo nunca recuperado completamente do seu acidente aos 9 anos de idade, quando foi atingida por uma pedra na face atirada por uma colega de escola, aparentemente o terrível desapontamento causado por Cristo não ter voltado, levou a sua saúde a piorar ainda mais. (...)

Não era uma perspectiva muito prometedora para uma jovem adolescente que celebrou o seu 17º aniversário em 26 de Novem-

bro de 1844. Doente quanto à saúde física e desapontada no espírito, ela ter-se-á sentido perplexa quanto ao seu futuro. Como Hirão Edson, ela não podia negar o poder da sua própria experiência cristã durante os poucos meses passados. Mas porque não tinha Jesus voltado como esperaram? Esteve Deus com o movimento do Advento que conduziu ao 22 de Outubro?

Aparentemente a doença de Ellen causava tanto trabalho extra para a sua mãe que se empenhava em cuidar dela, que, para dar algum descanso à mãe cansada, ocasionalmente outras mulheres Adventistas em Portland cos-

Cristo apelara aos Seus seguidores para andarem no caminho estreito.... Quão reconfortante foi para Ellen ver o povo do Advento a caminhar no caminho estreito.

tumavam convidar Ellen a passar algum tempo nas suas casas. Assim, algum tempo depois do seu aniversário, ela foi levada, em cadeira de rodas, a poucos quarteirões de distância para a casa de Elizabeth Haines para passar alguns dias.

Foi assim que aconteceu ela estar de visita a Elizabeth Haines naquele dia memorável – a data específica foi esquecida – em Dezembro de 1844. Ellen descreve o que aconteceu como segue:

«De manhã ajoelhámo-nos no altar da família. Não era uma ocasião excitante. Estavam apenas presentes cinco pessoas, todas mulheres. Enquanto orava o poder de Deus veio sobre mim como nunca o tinha sentido antes. Eu estava rodeada de luz, e estava a subir cada mais mais alto da terra.» – *Spiritual Gifts*, Vol. II, pág. 30.

Imaginemos essas cinco mulheres lá reunidas, uma delas tão doente que nem sequer se esperava que continuasse a viver. Aquilo que mais ocupava os seus pensamentos era a questão se Deus as tinha estado a guiar na experi-

ência Adventista, ou tinham sido enganadas? Foi a profecia cumprida em 22 de Outubro ou não? Nos seus corações suspiravam: “Porquê, oh, porquê fomos desapontadas?”

Hoje queremos considerar de novo a primeira visão de Ellen que não somente deu certeza e encorajamento naquele tempo, mas que ainda nos fala directamente 150 anos depois. Faremos uso do seu próprio relato como ela o escreveu em *Spiritual Gifts*, Vol. II, págs. 30-35.

«Virei-me para procurar o povo do Advento no mundo, mas não o pude encontrar – quando

uma voz me disse: ‘Olha de novo, e olha um pouco mais para cima’. Perante esta ordem ergui os meus olhos e vi uma vereda direita e estreita, colocada em posição elevada acima do mundo. Nesta vereda o povo do Advento estava a viajar para a cidade, que estava no fim da vereda.» – *Spiritual Gifts*, Vol. II, págs. 30-31.

Na sua visão, Ellen pareceu-lhe ser erguida muito alto acima da terra. Desapontada por Cristo não ter retornado como esperaram, foi apenas natural que o seu primeiro impulso tivesse sido procurar o povo de Deus na terra. Afinal de contas, ela sabia muito bem que era aqui o lugar onde ele ainda se encontrava! Assim deve ter ficado surpreendida por lhe ter sido dito para olhar um pouco mais para cima. E quando ela o fez, aí ela viu o povo de Deus a viajar para a Santa Cidade sobre uma vereda direita e estreita. Talvez ela se tenha lembrado da admoestação de Cristo em Mateus 7:13-14, onde Ele adverte contra andar no caminho largo através da porta larga que conduz

à perdição. Pelo contrário, Ele apelou aos Seus seguidores a andarem no caminho estreito através da porta estreita que conduz à vida.

Quão reconfortante foi para ela ver o povo do Advento a caminhar no caminho estreito. Ellen conhecia alguns que tinham desistido da sua fé no breve aparecimento de Cristo. Ela também conhecia outros que tinham rejeitado a mensagem, pois nunca a tinham sequer aceitado. Mas pior ainda eram aqueles que ridicularizavam abertamente os desapontados Adventistas. Sim, ela sabia bem o que significava ser parte desses “poucos” descritos por Cristo no caminho estreito.

Como reconheceu Ellen aqueles que estavam a andar na vereda estreita como sendo o grupo dos Adventistas? Terá ela mesmo visto as faces de alguns dos seus amigos? Sobre isto ela nada nos diz. Mas devemos lembrar-nos que o que ela escreveu em 5 pequenas páginas em *Spiritual Gifts* lhe levou 2 horas a contar quando ela visitou Poland, Maine, em Janeiro de 1845. Portanto, não importa como lhe terá sido indicado tratar-se do povo do Advento. Deve ter sido para ela uma verdadeira fonte de conforto vê-los a andar no caminho estreito para a Cidade Santa.

É também significativa a localização da vereda sobre a qual Ellen viu o povo de Deus a caminhar. Com certeza que ela sabia que o povo do Advento estava ainda na terra. Deus não precisou de lhe mostrar isso! Pelo contrário, no simbolismo da visão, Ele mostrou-lhos a andar numa vereda “elevada acima do mundo”.

Enquanto ainda na terra Cristo deu um aviso aos Seus seguidores. Está registado em João 15:18-19: «Se o mundo vos aborrece, sabe que, primeiro do que a vós, me aborreceu a mim. Se vós fôsseis do mundo, o mundo amaria o que era seu, mas, porque não sois do mundo, antes eu vos escolhi do mundo, por isso é que o mundo vos aborrece.»

Literalmente, sem dúvida, os seguidores de Cristo têm estado sempre no mundo, mas, espiri-

tualmente, Ele chamou-nos para fora do mundo. Cristo reconheceu este aparente paradoxo na Sua oração no Getsemane na noite anterior à Sua crucifixão, como está registado em João 17: 14-15: «Dei-lhes a tua palavra, e o mundo os aborreceu, porque não são do mundo, assim como eu não sou do mundo. Não peço que os tires do mundo, mas que os livres do mal.»

Na primeira visão de Ellen, Deus lembrou-lhe que o Seu povo, ao caminhar para a Cidade Santa, não deve ser parte do mundo. Se eles estiverem verdadeiramente no caminho estreito, então espiritualmente estarão separados do mundo. Que advertência mais importante nos poderia Deus dar hoje do que lembrar-nos do nosso perigo real de sermos engolidos pelo mundo e todos os seus engodos? É muito fácil esquecer que Deus quer que espiritualmente “não sejamos do mundo”. Como Ele mostrou a Ellen, devemos andar sobre “uma vereda direita e estreita, colocada em posição elevada acima do mundo”.

Naquela altura, a visão trouxe certeza àqueles desapontados crentes que o caminho em que estavam a andar os conduziria para a Cidade Santa. Mas para nós hoje, a visão não somente nos traz a mesma certeza, mas também nos transmite um aviso sobre onde Deus quer que estejamos à medida que caminhamos para a Cidade Santa.

Continuando a sua descrição do povo de Deus na vereda estreita, Ellen diz: «Eles tinham uma luz brilhante colocada atrás deles na primeira extremidade da vereda, que um anjo me disse ser o Clamor da Meia Noite. Esta luz brilhava ao longo de toda a vereda, e alumia os seus pés para que não tropeçassem.» – *Spiritual Gifts*, Vol. II, pág. 31.

Aqui estava uma grande surpresa para Ellen. Na visão foi-lhe mostrada uma luz brilhante, iluminando desde o começo da vereda ao longo de todo o caminho até à Cidade Santa. O propósito dessa luz brilhante era impedir que tropeçassem. Mas para sua admiração, o anjo identificou essa

luz brilhante como sendo o Clamor da Meia Noite. Como podia ser isso? A frase: “O Clamor da Meia Noite” tinha um significado específico para ela e outros Adventistas. Era um termo que os Milleritas tinham retirado da parábola de Cristo sobre o reino referido em Mateus 25:6: «Mas, à meia-noite, ouviu-se um clamor: Aí vem o esposo, saí-lhe ao encontro.»

Para aqueles esperançosos Adventistas, especialmente durante os poucos meses entre Agosto e Outubro de 1844, o “Clamor da Meia Noite” acabou por se referir a 22 de Outubro de 1844.

Mas como podia isto ser a luz

O tema do santuário foi a chave que explicou o mistério do desapontamento de 1844. Expôs um sistema de verdade ligado e harmonioso, mostrando que Deus dirigira o Movimento do Advento.

brilhante? Cristo não regressara naquela data como esperado. Todavia, o anjo disse-lhe que a luz brilhante da sua experiência do Clamor da Meia Noite era o verdadeiro começo da sua caminhada para a cidade. Além disso, a luz da mensagem do 22 de Outubro de 1844 deveria brilhar ao longo de todo o caminho para guardar os seus pés de tropeçar.

Embora Ellen possa não o ter reconhecido na altura, esta foi a primeira indicação sobre a causa do seu desapontamento. Uma vez que o Clamor da Meia Noite era a luz brilhante que deveria guardá-los de tropeçar, obviamente deveria haver uma importância muito maior relacionada com o 22 de Outubro do que ela e os seus amigos até aí tinham compreendido. É verdade que a visão não explicou o seu desapontamento ou o que realmente tinha acontecido em 22 de Outubro, mas ainda assim, isto eram novas excitações! Eles não tinham que repudiar a mais preciosa experiência espiri-

tual que jamais tinham gozado. **Deus tinha estado, afinal de contas, com o movimento Millerita**; isso era claro daquilo que o anjo lhe tinha dito. **E a mensagem do Clamor da Meia Noite, quando compreendida correctamente, haveria de alumiar a sua vereda ao longo de todo o caminho para a Cidade Santa.**

Para nós 150 anos depois, isto ainda é uma verdade importante. Graças a extenso estudo da Bíblia pelos pioneiros e muitos outros através dos anos, nós agora compreendemos o que aconteceu realmente no fim dos 2300 dias proféticos em 22 de Outubro. Pois

expôs à vista um completo sistema de verdade, ligado e harmonioso, mostrando que a mão de Deus tinha dirigido o grande movimento do advento, e revelando o dever presente ao trazer à luz a posição e o trabalho do Seu povo.»

Hoje, alguns negam que 22 de Outubro tenha significado, e outros estão tentando aplicar as profecias a algum tempo futuro. Mas ambos os grupos estão errados. Foi mostrado a Ellen que o Clamor da Meia Noite do 22 de Outubro é a luz brilhante iluminando ao longo da vereda o caminho para a cidade. Se alguém apontar alguma data futura, ou promover alguma nova reinterpretação das profecias de tempo que dependa dum tempo específico futuro para o seu cumprimento, lembre-se de novo desta primeira visão que Deus deu à jovem Ellen. **A experiência do 22 de Outubro é a luz brilhante**, e não algum evento no futuro.

De facto, em 23 de Setembro de 1850, foi mostrado a Ellen White: «O tempo não tem sido um teste desde 1844, e nunca mais o será.» – *Primeiros Escritos*, pág. 75.

No ano seguinte, em 21 de Junho de 1851, quando ela estava em Camden, N.Y., o Senhor mostrou-lhe «que a mensagem deve ir avante, e que não deve depender de tempo, porque o tempo não mais será um teste.» Ela escreveu: «Vi que alguns estavam a obter um falso excitação resultante da pregação de tempo, que a terceira mensagem angélica pode permanecer no seu próprio fundamento, e que ela não precisa de tempo para a fortalecer, e que avançará com forte poder, e fará a sua obra, e será abreviada em justiça.» – *Mensagens Escolhidas*, livro 2, pág. 188.

Há ainda muito mais na primeira visão de Ellen tal como ela o registou para nós em *Spiritual Gifts*, Vol. II. Falando daqueles que estavam a andar na vereda, ela viu:

«Se eles mantivessem os olhos fixos em Jesus, que estava exactamente diante deles, guiando-os para a cidade, eles estavam

seguros. Mas em breve alguns ficaram cansados, e disseram que a cidade estava muito longe, e esperavam ter entrado nela antes. Então Jesus buscava encorajá-los erguendo o Seu glorioso braço direito, e do Seu braço surgia uma luz brilhante que irradiava por cima do povo do Advento, e eles exclamavam, Aleluia!» – pág. 31.

Aqui estava um indicador àqueles crentes desapontados de que mais tempo devia passar antes de Cristo voltar. Em visão foi mostrado a Ellen que alguns “ficaram cansados”. Porquê? Porque, como eles disseram: “A cidade estava muito longe, e eles esperavam ter entrado nela antes”.

Já, durante as poucas semanas após o 22 de Outubro, ela tinha visto alguns abandonarem a sua fé – tal como fora – no retorno de Cristo.

E agora a visão indicava que o tempo devia continuar por mais algum tempo. Mas foi-lhe assegurado que Jesus estava exactamente diante deles guiando-os para a cidade. Todavia, combinada com essa certeza estava a advertência de que para permanecerem seguros, deviam manter os olhos fixos n'Ele. Alguns já O tinham perdido de vista no seu desapontamento. Mas a mensagem a esse pequeno grupo de crentes perplexos era de não se deixarem desanimar; se mantivessem os olhos fixos em Jesus, Ele os guiaria para a cidade.

Estranho como possa parecer, esta porção da visão pode até ter mais significado para nós hoje, 150 anos mais tarde, do que tinha para os pioneiros. Não havia maneira alguma de eles poderem prever, naquela altura, que o segundo advento estava, pelo menos, a um século e meio no futuro. O tempo tem continuado tanto que é fácil para alguns ficarem cansados. Mas para alguém que esteja tentado a desistir, a primeira mensagem de Deus aos Seus desapontados seguidores em 1844 ainda provê um raio de esperança. Mantenhamos os nossos olhos fixos em Jesus, é-nos dito. Ele ainda nos está a conduzir para a cidade.

No tempo dos apóstolos Pedro advertiu: «Sabendo primeiro

isto: que nos últimos dias virão escarnecedores, andando segundo as suas próprias concupiscências, e dizendo: Onde está a promessa da sua vinda? porque, desde que os pais dormiram, todas as coisas permanecem como desde o princípio da criação» (II Pedro 3:3-4).

A advertência para manter os olhos fixos em Jesus era muito significativa. Da nossa posição privilegiada, sabemos que dentro de cerca de 40 anos alguns tinham-se envolvido tanto em legalismo que quase tinham perdido totalmente de vista a Jesus. Assim em 1888 outra mensagem sobre Cristo – a mensagem da jus-

Hoje, como quando foi originalmente dada, a primeira visão ainda nos diz para mantermos os nossos olhos firmemente fixos em Jesus.

tiça pela fé – foi trazida a esta igreja na Conferência Geral de Minneapolis. E de tempos a tempos desde então uma nova reênfase dessa grande verdade tem sido necessária.

Hoje, como era verdade quando foi originalmente dada, a primeira visão ainda nos diz para mantermos os nossos olhos firmemente fixos em Jesus. E se alguma vez ficarmos desanimados, Ele erguerá o Seu poderoso braço direito e nova luz e encorajamento fluirão dele para erguer os nossos espíritos abatidos.

Foi o mesmo braço poderoso que ergueu o filho da viúva de Naim, pôs lama nos olhos do homem cego que o fez ver, expulsou os cambistas do templo, e partiu os pães e os peixes para alimentar os 5 000. Também se ergueu sobre as águas agitadas do Mar da Galileia para acaçar a tempestade, acariciou as cabeças das crianças que vieram a Ele para serem abençoadas, e foi estendido na cruz para garantir a nossa

salvação. Esse mesmo poderoso braço direito, é-nos assegurado, confortar-nos-á e susterá, não importa quão longa seja a jornada, até alcançarmos a cidade.

Mas isto não é tudo o que Deus mostrou a Ellen. Continuando, ela escreveu:

«Outros negaram precipitadamente a luz atrás deles, e disseram que não fora Deus quem os conduzira até aqui. A luz atrás deles apagou-se, deixando os seus pés em completa escuridão, e eles tropeçaram e afastaram os seus olhos da marca, e perderam de vista a Jesus, e caíram da vereda para o mundo mau em baixo.» – *Ibid.*, pág. 31.

Esta é uma das afirmações mais incríveis de toda a visão. Embora fosse uma advertência para aqueles crentes desapontados em 1844, pouco podiam eles imaginar ou compreender o significado desta parte da mensagem de Deus aos Adventistas no futuro.

Lembremos de novo o estado de espírito de Ellen White naquele tempo. Ela tinha abandonado a sua fé no Clamor da Meia Noite como tendo já ocorrido, porém aguardava que algo acontecesse no futuro. Já na visão, foi-lhe mostrado que a luz brilhante que iluminava ao longo de todo o caminho era a sua experiência do Clamor da Meia Noite. Agora, ela é advertida que se eles negarem essa experiência como sendo de Deus, ela e os outros estão em perigo de perder Jesus de vista e caírem “da vereda para o mundo mau em baixo”. Que pensamento insuportável era esse! Perder de vista o seu precioso Jesus? Nunca! Ellen compreendeu imediatamente que precisava de reverter o

seu pensamento. Embora não compreendesse as implicações plenas do 22 de Outubro, negar que fora de Deus resultaria no que para ela era impensável – não estar com Jesus por toda a eternidade.

Pois, para ela, Jesus era tudo. Descrevendo a sua experiência anterior ao 22 de Outubro, Ellen escreveu: «O nome de Jesus, amável Jesus, era exaltado perante mim. Parecia-me habitar numa atmosfera celestial. Eu esperava que Jesus viesse e me tornasse imortal, quando podia suportar beber à luz do Seu semblante, e para sempre me regozijar na Sua glória, e louvá-l'O em acordes perfeitos.» – *Spiritual Gifts*, Vol. II, pág. 29.

Mas surpreendente como tenha sido a visão para Ellen White e o seu pensamento, à luz do que tem acontecido durante estes 150 anos passados, torna-se ainda mais surpreendente para nós que somos os beneficiários de saber tudo o que se passou antes.

Como podia uma rapariga, com apenas 17 anos de idade, alguma vez prever que esta verdade acerca do 22 de Outubro, que ela própria não compreendia então completamente, se tornaria um grande pomo de discórdia entre os seguidores de Deus? E todavia, através da história da Igreja Adventista do Sétimo Dia alguns têm negado que Deus esteve no movimento de 1844, alegando que o 22 de Outubro não teve qualquer significado. Geralmente, estes têm acabado por separar-se do povo de Deus e não mais andarem connosco.

Embora alguns questionem isto ou aquilo em relação a Ellen White e o seu ministério profético, esta primeira visão provê uma das mais persuasivas evidências da sua inspiração divina.

Se alguém hoje está em perigo de questionar que Deus esteve no movimento do 22 de Outubro de 1844 e em tudo aquilo que nós agora compreendemos aconteceu nesse dia no santuário celestial, a mensagem de Deus a Ellen, na sua primeira visão, permanece como um solene aviso quanto ao lugar para onde eles se dirigem. Assim,

a primeira visão de Ellen, dada faz 150 anos este próximo Dezembro, é tão importante hoje como quando foi primeiramente dada, embora por uma razão um tanto diferente.

Na visão, foi mostrado a seguir a Ellen várias coisas acerca do tempo imediatamente antes do retorno de Cristo. Ela ouviu Deus anunciar aos Seus santos o dia e a hora do retorno de Cristo. Ela também viu que “os 144 000 estavam todos selados e perfeitamente unidos”. E pela primeira vez foi-lhe mostrado a segunda vinda de Cristo. Considerando o seu grande estado de desapontamento, uma pessoa pode apenas imaginar quão emocionante deve ter sido para ela esta parte da visão! Prestem atenção a um pedaço da descrição gráfica do retorno de Cristo desta excitada jovem adolescente:

«Em breve os nossos olhos foram volvidos para o Oriente, pois uma pequena nuvem preta tinha aparecido, cerca da metade do tamanho da mão de um homem, que todos nós sabíamos ser o sinal do Filho do homem. Todos nós em solene silêncio observávamos a nuvem à medida que ela se aproximava, e se tornou mais branca, e mais gloriosa ainda, até ficar uma grande nuvem branca. O fundo parecia ser fogo; um arco-íris estava sobre ela, e ao redor da nuvem estavam dez milhares de anjos cantando uma canção muitíssimo amorosa. E sobre ela estava sentado o Filho do homem, sobre a Sua cabeça havia muitas coroas, o Seu cabelo era branco e encaracolado e pendia sobre os Seus ombros. Os Seus pés tinham a aparência de fogo, na Sua mão direita tinha uma foice aguda, na Sua esquerda uma trombeta de prata. Os Seus olhos eram como chama de fogo, que perscrutavam os Seus filhos completamente. . . .

«Então a trombeta de prata de Jesus soou, enquanto Ele descia na nuvem, envolto em chamas de fogo. Ele olhou para as sepulturas dos santos que dormiam, de-

pois ergueu os Seus olhos e mãos para o céu e clamou: Desperta! Desperta! Desperta! vós que dormis no pó, e levantai-vos. Então houve um forte terramoto. As sepulturas abriram-se, e os mortos surgiram revestidos de imortalidade. Os 144 000 gritaram, Aleluia! ao reconhecerem os seus amigos que tinham sido separados deles pela morte, e no mesmo momento fomos mudados e arrebatados juntamente com eles a encontrar o Senhor no ar. Entrámos todos juntos na nuvem, e estivemos 7 dias a ascender para o mar de vidro.» – *Ibid.*, págs. 32, 33.

Uma vez na cidade, foi mostrado a Ellen a árvore da vida e o

Para nós hoje, 150 anos depois, esta visão traz-nos forte segurança. Embora a vereda se tenha provado muito mais longa do que se pensou, nós podemos saber que Deus ainda está dirigindo o Seu povo.

tronco de Deus. Ela ficou especialmente emocionada ao ver dois ministros Milleritas que tinham morrido em 1844, Carlos Fitch e Levi Stockman. Ela diz, eles «perguntaram-nos o que nós tínhamos passado enquanto eles estiveram a dormir. Nós tentámos recordar as nossas maiores provações, mas elas pareciam tão pequenas comparadas com o insuperável e eterno peso de glória que nos rodeava, que não conseguimos expressá-las, e todos nós exclamámos, Aleluia! O céu é suficientemente barato, e tocámos as nossas harpas de ouro e fizemos ecoar as abóbadas do céu.» – *Ibid.*, págs. 34, 35.

Depois de voltar da visão, Ellen relatou:

«Uma escuridão estava estendida sobre tudo quanto eu contemplava Oh! quão escuro este

mundo me pareceu! Chorei quando me encontrei aqui, e senti-me com saudades do lar. Eu tinha visto um mundo melhor, e ele tinha arruinado este para mim.» – *Life Sketches*, págs. 67, 68.

Ela partilhou a visão com as quatro mulheres com as quais estivera a orar. Elas ficaram excitadas ao saberem o que Deus lhe tinha mostrado. As suas orações tinham sido respondidas. Deus tinha-as conduzido, afinal de contas. O Clamor da Meia Noite estivera na providência de Deus. Foi retratado como “luz” – luz atrás deles que brilhava ao longo de toda a vereda. Mas o mais importante de tudo, a visão assegurou-lhes que se eles mantivessem os

olhos fixos em Jesus, alcançariam com segurança a cidade celestial. E a visão até lhes deu uma pálida ideia do que seria a sua recompensa quando alcançassem a cidade.

Mas à pergunta, “Porque estavam eles desapontados?” – isso ser-lhes-ia respondido somente através de mais estudo da Bíblia.

Para nós hoje, 150 anos depois, esta visão traz-nos forte segurança. Embora a vereda se tenha provado muito mais longa do que jamais se pensou ser possível naquela altura – pelo menos 150 anos mais longa – nós podemos saber que Deus ainda está a conduzir. Quando nos sentirmos desanimados, temos a própria promessa de Cristo de encorajamento. A advertência contra negar a direcção de Deus neste movimento é ainda tão real hoje, ou talvez

ainda mais, do que o foi para os pioneiros. Desde bem do começo, Cristo tem dirigido cada passo do caminho. Tristemente, alguns têm negado a Sua direcção, e têm caído para fora da vereda. Vozes da direita e da esquerda hoje estão ainda a chamar-nos para abandonar a nossa fé, e aceitar “nova luz”. Mas a advertência de Deus para “permanecer na vereda” é tão importante agora como quando foi dada a primeira vez.

Neste Sábado de aniversário especial, onde estás tu no teu próprio pensamento? Tens ficado desencorajado por causa do muito tempo que tem passado? Estás a achar cada vez mais difícil permanecer espiritualmente separado do mundo? Hoje, como um raio brilhante de esperança, a primeira visão de Ellen White ainda nos insta a manter os nossos olhos fixos em Jesus. Quando desencorajado, olha para Jesus. Quando espiritualmente tentado, vem a Jesus. Quando tiveres dúvidas, e a tua fé for provada, fala a Jesus acerca disso.

Dá-nos coragem neste ano de aniversário saber que Jesus ainda dirige, que a Sua mensagem é verdadeira, e em breve, no Seu próprio tempo designado – Ele nos *conduzirá* para a cidade. E então com os pioneiros que morreram antes, juntamente com os remidos de todas as épocas anteriores, receberemos a recompensa prometida há tanto tempo pelo próprio Senhor quando esteve aqui na terra. «Na casa de meu Pai há muitas moradas; se não fosse assim, eu vo-lo teria dito; vou preparar-vos lugar. E, se eu for, e vos preparar lugar, virei outra vez, e vos levarei para mim mesmo, para que, onde eu estiver, estejais vós, também» (João 14:1-3).

Hoje, neste Sábado de aniversário especial, exclamamos com o apóstolo João: «Ora vem, Senhor Jesus!» (Apoc. 22:20). – Tradução de M. N. Cordeiro.

Robert S. Folkenberg é o Presidente da Conferência Geral dos A.S.D Preparou este texto para o Sábado Comemorativo de 22 de Outubro de 1994.

REFLEXÕES E PERSPECTIVAS

Quase dois anos e meio são passados após a Assembleia da União, em Julho de 1992. Reflectindo sobre as actividades desenvolvidas durante este período, e lendo o Relatório da Comissão de Planos e Resoluções (*Revista Adventista* Agosto/Setembro 1992, p. 30), sinto ser pertinente fazer o ponto da situação e partilhá-lo com a Igreja através da *Revista Adventista*.

Para um enquadramento adequado e uma compreensão mais ampla das circunstâncias, é bom lembrar que, devido ao elemento surpresa, próprio do nosso sistema de nomeações, às limitações pessoais de cada um e à grandeza da Obra, pessoalmente eu não me sentia preparado para esta tarefa, assim como não me sinto neste momento e nunca me sentirei. Apropriando-me, no entanto, das palavras de Deus a Josué, «Não to mandei eu? Esforça-te, e tem bom ânimo; não pases, nem te espantes; porque o Senhor teu Deus é contigo, por onde quer que andares» (Josué 1:9) e com a vivência pessoal da promessa, «Colaborando a vontade do homem com a de Deus ela torna-se omnipotente. Tudo o que deve ser

feito a Seu mando pode ser cumprido pelo Seu poder. Todas as Suas ordens são promessas habilitadoras» (Parábolas de Jesus, p. 332, 333), tal como outros servidores do passado, disponibilizei-me para esta missão dizendo: «Eis-me aqui» (Is. 6:8).

É neste mesmo espírito e com esta mesma perspectiva que hoje prossigo. É tempo, porém, de parar um instante para fazer uma avaliação, ver onde estamos, partilhar com a Igreja os planos e os desafios que se apresentam. Este é um bom momento para o fazer; antes não foi possível, porque foi necessário «adaptar-se à casa», proceder aos necessários ajustes pessoais, dar-se a conhecer e procurar acertar o ritmo mais adequado com a equipa proposta e nomeada pela Igreja.

Sem pretender ser exaustivo, eis alguns pontos principais que, sucintamente, desejo partilhar, para uma reflexão em conjunto, que permita uma avaliação do saldo presente e das perspectivas desafiadoras do futuro.

As Réplicas dum Sismo

Permitir-me-ão a alegoria, mas foi isto mesmo que aconteceu em Julho de 1992. Todos sofremos os efeitos do abalo das mudanças, sobretudo no grupo de obreiros.

Tal como depois de um terremoto vêm as réplicas também entre nós houve acções e reacções provocadas pelas causas mais diversas e naturais nestas circunstâncias. Mudanças de posições de trabalho, de território, de igrejas, de casa, de ambiente social, de relacionamento com os pares e com a administração, etc, etc. Além disso, há também mudanças consideráveis nos métodos de trabalho, nas atitudes, nas prioridades, nos valores e até no relacionamento pessoal, que se fazem sentir na dinâmica característica de cada equipa. Disso estamos conscientes e creio poder afirmar que todos estamos passando com êxito o teste da maturidade.

Pensando no relacionamento com os meus colegas do ministério, e com a bênção do convívio espiritual das nossas igrejas e Instituições, sou levado a exclamar como o apóstolo Paulo: «Dou graças a Deus por todos vós, fazendo menção de vós em nossas orações, lembrando-nos sem cessar da obra da vossa fé, do trabalho da caridade, e da paciência em nome do Senhor Jesus Cristo, diante de nosso Deus e Pai» (I Tes. 1:2-3).

Fidelidade

Apesar das nossas limitações e falta de fé, é maravi-

lhoso reconhecer a maneira como Deus mantém fielmente as Suas promessas cada dia na nossa vida pessoal e na vida da Sua Igreja. Isso materializa-se, em parte na consagração e fidelidade dos membros e obreiros através da dedicação das suas vidas a esta Causa, dos seus talentos e da fidelidade nos dízimos e ofertas.

«Trazei todos os dízimos à casa do tesouro... e fazei prova de Mim» (Mal. 3:10). Esta tem sido a experiência de uma boa percentagem da igreja. Temos muitas graças a dar a Deus por isso; precisamos de reconhecer, no entanto, que nesta área da experiência cristã há um espaço ainda considerável para fazer progressos. Lançamos um apelo para uma maior consagração das nossas vidas e dos talentos que Deus nos confiou. Não se trata de finanças, ou de materializar a religião. Está em questão somente o conceito que formulamos e desenvolvemos quanto à gestão da nossa vida como mordomos ao serviço de Deus. Trata-se de bênçãos inerentes à nossa confiança e disponibilidade, para sermos usados como instrumentos e canais, não obstruídos pelo medo e egoísmo próprios da natureza humana. O convite de Deus, «Trazei...» é acompanhado do desafio, «Fazei prova de Mim» e da

promessa, «Abrirei as janelas do Céu... repreenderei o devorador», redundando tudo numa «bênção tal, que dela vos advenha a maior abundância» (Mal. 3:10-11).

Educação Cristã

Começou um novo ano. Ao reexaminar e planificar as necessidades e possibilidades reais da Educação Adventista em Portugal, após longa reflexão, o Conselho da União, em conjunto com a Divisão Euro-Africana votou:

a) **Escola de Oliveira do Douro:** Que seja dada a prioridade necessária, dentro do plano e possibilidades de construção, a fim de equipar esta Escola de maneira a oferecer todos os anos de escolaridade até à entrada na Universidade. Isso exigirá a construção de um novo edifício, estando já um dos projectos em curso, do qual daremos pormenores oportunamente. A ideia é que no ano lectivo de 1995/96 se ofereça já o 10.º ano, no CAOD, assim prosseguindo até ao 12.º.

b) **Escola de Lisboa:** Após apurados estudos e considerações sobre a falta de fundos para a reconstrução desta Escola, os grandes inconvenientes e elevados riscos de encarar outro local de construção, assim como um estudo feito num «projecto de fé» baseado num aumento do número de alunos que visa diminuir a dotação da União até um mínimo aceitável, foi votado abandonar o referido projecto de construção e proceder ao melhoramento geral das instalações, assim como à renovação do mobiliário e equipamento, recorrendo, para isso, ao fundo existente, provindo da oferta do 13.º Sábado. Foi também votado

convidar a irmã Natividade Quintino para exercer o cargo de Director Administrativo, assumindo as responsabilidades máximas da Escola. Aproveitamos esta oportunidade para agradecer à irmã Natividade Quintino por ter aceite este desafio, assim como a toda a equipa de professores e empregados, cujos resultados já se vêem. Sendo o alvo para este ano 120 alunos, está neste momento com 116, funcionando provisoriamente as classes do 5.º ao 9.º ano nas instalações do edifício da igreja Central de Lisboa. As obras no edifício da Escola avançam, esperando-se que estejam totalmente concluídas no fim de Outubro deste ano.

Outros Projectos de Construção e Expansão

Além das construções em curso das igrejas de Sangalhos, Vila Nova de Monsarros e S. Jorge, está para começar muito em breve a construção da igreja de Aveiro e do LAPI, em Avintes.

Além disso, a Câmara de Braga cedeu-nos um terreno de cerca de 3.000 m² pelo

preço de 7.000 contos, para a construção de uma nova igreja naquela cidade. Também está em fase de culminação o projecto da Publicadora, que se espera comece os trabalhos de construção ainda este ano.

Granovita

Para uma maior expansão destes produtos alimentares da nossa fábrica de alimentos da Alemanha e da Espanha, estão a ser feitos arranjos para que uma pessoa se dedique exclusivamente a esta actividade, funcionando, por agora, como um departamento da Publicadora, na qualidade de distribuidor exclusivo em Portugal.

Missão Global e Evangelização

Este é o projecto específico de evangelização da Igreja Mundial para o quinquénio 1990/95. Para a penetração dos vários extractos da nossa sociedade e de novos territórios, estamos propondo, para 1995, continuar com os projectos em curso – Africanos e Ciganos – e empreender dois novos projec-

tos que consistirão na penetração de dois novos territórios: Cidade de Bragança e Ilha de S. Jorge, nos Açores.

No que respeita ao objectivo da União 1500 baptismos para o referido período, estamos a 8 meses do seu fim com **65% do alvo alcançado, ou seja, 983 baptizados.** Que cada igreja faça o seu ponto da situação e programe uma acção missionária especial, sob a acção do Espírito Santo.

Voltando genericamente à evangelização, esta deve ser a nossa principal actividade, mas importa reconhecer que, por razões alheias à vontade de todos, não tem sido possível dar a devida atenção a esta prioridade. Embora seja difícil expressar esta actividade por meio de números ou de lugares de pregação, recorde-se que, em 1992, baptizaram-se na Igreja Adventista em Portugal 194 pessoas, em 1993 realizaram-se 35 campanhas de evangelização, baptizaram-se 295 pessoas e abriram-se três novos lugares de culto, Vieira de Leiria, Macedo de Cavaleiros e Serpins. Em 1994, até Setembro, realizaram-se cerca de 25 campa-



O pastor Casaquinha examina os candidatas de etnia cigana que vão ser baptizadas.

nhas, baptizaram-se 169 pessoas e abriram-se três novos lugares de culto, Benavente, Vila Chã e Brandoa. Diante de nós resta o quarto trimestre do ano com a perspectiva de uma boa messe de almas.

A evangelização tem sido e permanece o nosso grande desafio. A Igreja Adventista não é mais uma igreja entre tantas, mas surgiu e existe para proclamar o Evangelho Eterno, «dizendo com grande voz: Temei a Deus e dai-Lhe glória, porque vinda é a hora do Seu juízo...» (Apoc. 14:6-12). Deus espera que esta mensagem seja anunciada aos nossos vizinhos, amigos, familiares e companheiros de trabalho. Dizer que Portugal é um país cristão é pouco mais do que um título, porque não se é cristão só porque nos baptizaram após o nascimento.

Evangelizar é apresentar Jesus Cristo ao mundo, no poder do Espírito Santo, para que as pessoas possam pôr a sua confiança em Deus, através d'Ele, para O aceitar como seu Salvador e servir-l'O como seu Rei, na comunhão da Sua igreja. Isto só pode ser feito na pregação e estudo da Palavra de Deus, a Bíblia. A este propósito é elucidativo e concordante o que se lê no catecismo católico sobre evangelização: «Ensinar alguém para o conduzir à fé é a tarefa de cada pregador e mesmo de cada crente». (*Catecismo Católico*, 904, Versão Francesa, pág. 197.) Falando especificamente aos crentes, lê-se: «A sua missão profética, os leigos realizam-na também pela evangelização... Este apostolado não consiste somente no testemunho da vida; o verdadeiro apóstolo procura as ocasiões de anunciar a Cristo pela palavra,

tanto aos incrédulos..., como aos fiéis» (*Catecismo Católico*, 905, Versão Francesa, pág. 198).

Para viabilizar uma dinâmica da evangelização mais real da nossa igreja, medidas estão a ser tomadas de acordo com as propostas para a Evangelização, feitas pela Comissão de Planos e Resoluções da Assembleia, em Julho de 1992 (ver *Revista Adventista* Agosto/Setembro de 1992) e acaba de ser indigitado o pastor José Manuel de Matos para dedicar uma boa parte do seu tempo como evangelista nacional, de maneira (1) a dar mais assistência e formação evangelística ao corpo pastoral; (2) a preparar e fornecer material evangelístico aos pastores, que lhes permita, a eles próprios, realizar mais campanhas locais e se esforçarem para reactivar as reuniões públicas de domingo nas igrejas; (3) para que este evangelista nacional, por seu turno, e com uma equipa, realize campanhas para fortalecer certas igrejas e se possam abrir novos lugares de culto em cidades e bairros a penetrar. Oremos pela execução deste plano. Hoje, mais do que nunca, a evangelização depende dos mass media, do ministério pessoal de cada crente e, sobretudo, da acção do Espírito Santo.

No que respeita aos mass media, através do Departamento de Comunicações, um grande investimento foi feito, e continua na produção de vídeos e cassetes de áudio. Mais de 5.000 cassetes vídeo da campanha do pastor Bullón foram produzidas e vendidas no nosso país. Algumas igrejas gravam cultos de Sábado e outros programas para trabalho missioná-



Casamento dos irmãos Carlos e Natália oficiado pelo pastor J. Dias

rio. Uma nova série de Estudos Bíblicos – Revelações – está a ser preparada, dispondo-se já dos quatro primeiros temas.

Além dos programas da Voz da Esperança na Rádio e no programa Caminhos na TV2, conforme o disposto no Art.º 25.º da Lei 38/90, publicada no Diário da República, I Série n.º 207, de 07/09/90. Há esperanças que, a partir de 1995, a nossa Igreja possa apresentar na TV2 um programa de 10 minutos por semana, um programa de 15 minutos um domingo por mês e um programa de 15 minutos um sábado cada trimestre. Há ainda algumas dificuldades a resolver em conjunto com as outras denominações religiosas, no que diz respeito à repartição do tempo; com o governo, no que diz respeito ao financiamento; e com a TV no que diz respeito à hora da emissão. É encorajador verificar, no

entanto, que há boa vontade e desejo de se alcançar esta consecução. Oremos pela realização deste programa de utilidade pública.

Ministério Pessoal

Nunca será demais salientar a importância do ministério pessoal. Todos estes meios, planos e projectos de evangelização funcionam como colheita.

Reconhecemos que é necessário haver aqui também, mais formação prática e objectiva, assim como produzir material actualizado, prático, atraente. Recomendamos vivamente o material e as iniciativas para a formação de «pequenos grupos de acção», assim como um uso mais objectivo da revista *Sinais de Tempos* e de outras publicações. Como novidade é-nos grato anunciar a publicação de um livro de

«IGREJA OU MOVIMENTO?»

Breves reflexões sobre os 150 anos da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Confissões.



Missão Global em Vila Chã: Grupo de Jovens

bolso «Examinai tudo...», para ser usado como um mini-catecismo no nosso ministério pessoal.

Metas, Desafios, Membros

Ao analisar o crescimento da nossa Igreja em Portugal, nos últimos anos, verifica-se, grosso modo, um aumento líquido de cerca 10% no último quinquénio. Havendo em 1992, 7.471 membros baptizados na nossa União, seremos levados a antever 8.200 no fim deste quinquénio, ou seja em 1997. Para tal, ficaria o desafio de que cada igreja estabelecesse planos e executasse uma estratégia com vista a um crescimento de 10%. Ao dizer que ficaria o desafio, é porque, na realidade, com as medidas em curso no sentido de se efectivarem as recomendações da Assembleia e dos meios disponíveis, deixo o desafio para percorrermos a segunda milha: com um aumento de 15% por igreja chegaremos ao fim deste quinquénio com 8.500 membros. Mais do que os métodos, planos, ou estratégias, é o Espírito Santo que convence as almas do pecado e as leva a Cristo. Aqui deixamos este desafio a cada igreja, para que em espírito de oração peça a Deus a sabedoria e o plano de acção

para levar a Cristo as almas sinceras, no seu âmbito de acção, com a certeza de que a Obra é de Deus e que é o Espírito Santo que convence.

Que estas reflexões sobre o desenrolar do nosso trabalho e este partilhar das medidas tomadas nos una a todos numa acção conjugada sob a acção do Espírito Santo para uma perspectiva mais ousada de evangelização. Ficamos orando para que nos nossos dias. E no nosso meio, se vejam «centenas e milhares visitando famílias e abrindo perante eles a Palavra de Deus. Os corações eram convencidos pelo Espírito Santo e manifestava-se um espírito de genuína conversão. Portas se abriam por toda a parte à proclamação da verdade». (*Evangelismo*, pg. 699.) Isso só é possível através da apresentação e da vivência da dimensão cristocêntrica da mensagem adventista, tornando relevante ao mundo a alegria de uma autêntica experiência religiosa pela certeza da salvação e a acção do Espírito Santo, porque, como diz a Palavra de Deus, não é «por força nem por violência, mas pelo Meu Espírito, diz o Senhor».

O pastor Joaquim Dias é o presidente da nossa União.

A igreja hoje deve repensar toda a sua história. Cumpre reflectir sobre o passado, analisar os desafios do presente e preparar o caminho do futuro. Como instituição humana que é, a igreja sofre as influências de uma sociedade em constante mutação. São os desafios de uma sociedade secularizada em busca de valores e o renascer de tipos de «Cristianismos», sem luz, que buscam o imediatismo da satisfação total e sem esforço.

No seu processo histórico, ao reflectir sobre a sua existência, é colocada à igreja a questão mais importante: Igreja ou Movimento? Passado que foi o «penoso» período de nascimento e busca de maturidade e de identidade, a igreja hoje vive os perigos de um estado adulto e bem desenvolvido.

Que fazer hoje, no nosso mundo moderno ou pós-moderno, com a herança do passado? Que tipo de linguagem utilizar hoje para responder às necessidades básicas do homem racional e materialista? Como apresentar o conteúdo da Palavra de Deus ao homem de hoje, constituindo, ainda, uma resposta viva e actual a todos os desafios

de ordem moral, social e espiritual? Como apresentar uma resposta coerente e necessária dos princípios morais da Igreja Adventista, que cremos baseados no puro Evangelho, a uma sociedade moralmente fraca e adversa a todo o princípio normativo? Como enfrentar determinadas situações, de ordem moral e espiritual, existentes hoje, no seio da igreja e para as quais, aparentemente, não existe solução? Como conciliar firmeza e perdão? Relaxamento e restauração?

No centro de todas estas questões e como fundamento de resposta encontra-se a nossa pergunta: igreja ou movimento? Não, eu não desejo pertencer simplesmente a uma igreja, uma denominação, que já se encontrou consigo mesma e que já percorreu o caminho que tinha a percorrer. Mas também estou consciente que já não pertencço a um movimento. Eu pretendo sim pertencer a uma «Igreja em Movimento»!

Uma igreja que procura, que reconhece, que o segredo do êxito é o regresso incessante ao ponto de origem: o passado histórico de lutas e sacrifícios e acima de tudo, a grande razão de sua exist-

Paulo Renato Garrochinho

tência, como fidelidade à Palavra de Deus e consequência natural e necessária da acção de Jesus Cristo na História da Salvação. A igreja nunca deve perder de vista o seu estatuto de peregrina e militante. Não é possível «descansar» à sombra da verdade. Não é possível adormecer em face das conquistas do passado recente ou orgulharmo-nos incessantemente de um passado glorioso, que hoje luta para ser ainda referência.

Mais do que uma simples celebração, os 150 anos de vida da Igreja Adventista, recordados neste ano de 1994, devem constituir uma plataforma de reflexão. Plataforma esta que é constituída por dois elementos essenciais:

1. Os perigos do presente;
2. As grandes necessidades da Igreja hoje.

Consideremos cada um destes pontos, ainda que não de uma forma exaustiva. Por «perigos do presente» entendemos todos aqueles desafios lançados hoje pela sociedade à igreja, como instituição humana e espiritual, de índole moral ou religiosa e, acima de tudo, os traços característicos e «naturais» que envolvem o crescimento teológico, espiritual e moral de uma igreja, situada na história, no espaço e no tempo. Os itens deste primeiro ponto devem ser combatidos e rejeitados, pois colocam em risco a razão de ser da igreja, como povo de Deus, chamado a realizar e cumprir uma determinada missão.

«Perigos do presente»

1. Formalismo: ausência de piedade prática. Predomínio das formas sem conteú-

do. A vida de comunhão com Cristo (estudo quotidiano da Bíblia, oração e testemunho) desaparece gradualmente. Somos apenas membros da igreja, mas não discípulos. A amizade e o amor fraternal são substituídos pela aparência e manifestação exterior de religiosidade.

2. O Institucionalismo: Descansamos à sombra das «nossas verdades» e das nossas instituições. Predomínio dos números e das estatísticas. A igreja é apenas Igreja-Instituição, deixando para trás uma existência necessária de movimento-renovação contínua. A segurança está, não numa vida de inteira dependência de Cristo, mas na magnificência e resplendor do Templo, dos muros e cidade de Jerusalém. «Rico sou e de nada tenho falta...»

3. A Teologia da reinterpretação: Principalmente perante questões de ética e normas de igreja, é recolocada a grande questão do paraíso: «Foi assim que Deus disse?» A mensagem bíblica e do Espírito de profecia devem submeter-se a um exame e interpretação da razão humana. Hoje é hoje, não é ontem! Há que actualizar e reinterpretar: «Não é bem assim», «talvez Deus queira apenas dizer...», isso é ir longe demais», «estamos no século XX, não no século XIX». O mais curioso de tudo é que o autor da pergunta não é o homem, mas o próprio diabo!

4. A Dessacralização: rejeição ou desvalorização de tudo aquilo que tem a ver com o sagrado ou intervenção sobrenatural de Deus. Ao fugirmos do sacramentalismo caímos no campo oposto. Tudo é símbolo ou ideia.

A acção sobrenatural de Deus é colocada de parte. A dedicação de templos, imposição de mãos, santidade do lugar de culto, tudo é conotado com o «símbolo» ou «ilustração de algo». As citações bíblicas, tais como: «tira as tuas sandálias, pois o lugar onde estás é terra santa», são esquecidas, voluntariamente ignoradas ou esvaziadas do seu conteúdo sobrenatural e transcendente.

«As grandes necessidades da igreja hoje»

1. Reavivamento e Reforma

a) Renovação da vida espiritual. Vida de comunhão com Cristo. Regressar ao primeiro amor.

b) Novas ideias, novas visões, novas estratégias. Luta contra o conformismo.

A igreja vive inteiramente dependente de Cristo e do Seu poder. Sente que não é nada. Continuar, sempre continuar. Novas metas, novas conquistas. Redescoberta constante, reforma corajosa e orientada pelo Espírito Santo. Tomar seriamente e como prática a grande divisa do protestantismo reformado: «Ecclesia semper reformanda».

2. Centralidade da palavra de Deus:

Amar a Bíblia como o livro supremo. O povo de Deus deve ser conhecido como o povo do Livro. É na Bíblia que encontramos ainda as respostas para as nossas questões mais prementes. É na Bíblia e através da Bíblia que o Senhor nos interpela. A Sagrada Escritura deve encontrar-se no centro: das pregações, da vida de cada crente, da vida familiar.

3. Renovação Doutrinal

Levar cada crente a estudar e a examinar as doutrinas características e fundamentais da igreja. Criar círculos e grupos de estudo das doutrinas distintivas.

4. Teologia Cristocêntrica

Cristo e só Cristo deve ser o centro de cada pregação. Ele dá sentido e razão de ser à missão da Igreja. Só Ele faz com que cada doutrina não seja apenas um amontoado de palavras, com a sua lógica e sentido, destituídas de vida espiritual, mas expressões de amor de Deus no Seu plano de Salvação para o homem.

5. Revalorizar Ellen White como dom de Deus à igreja remanescente

Amar os escritos de Ellen White como expressão do cuidado de Deus pela Sua igreja. Estudá-los com espírito de humildade e oração. Beneficiar dos conselhos, exortações e encorajamentos contidos aí, aplicando-os às várias situações da vida.

Se a igreja souber, com a graça do Espírito Santo, vencer e ultrapassar todos os perigos e em humildade e inteira dependência do Senhor, tirar as necessárias lições da história, sabendo renovar-se e reformar-se continuamente, será na verdade, o povo que Deus sempre ansiou que existisse e que preservasse a sua verdade no mundo.

Igreja ou Movimento?

Igreja em Movimento!

Igreja que confia em Jesus, n'Aquele que a chamou à existência.

Igreja que agora é militante, mas que em breve será triunfante!

Paulo Renato Garrochinho é pastor das igrejas de Oliveira do Douro e Matosinhos.

«IMPORTA QUE PROFETIZES OUTRA VEZ»

«Quem Deu Crédito à Nossa Pregação?...»

Esta não é linguagem humana, mas sim um chamado de atenção da parte de Deus com o fim de Se revelar, intervindo como e em pessoa divina-humana na história, na singular forma de «**Servo**» (Isaías 52:13; 53:1; Filipenses 2:6, 7). Baixando-se, «o Seu aspecto nem parecia humano, de tal forma fará com que muitos estrangeiros fiquem agora admirados. Os reis ficarão de boca aberta, pois verão coisas que jamais lhes foram contadas e observarão coisas que não conseguem compreender» (Isaías 52:14, 15, tradução da Bíblia em português corrente).

Era esta a **Grande Expectativa!** Por quanto tempo se manteria ela em suspensão? *E quem lhe daria crédito* quando fosse levada a efeito?

Postados no seu ponto de vigia, lá estavam as sentinelas prontas para responder: «Sentinela, que horas são da noite?... Vem a manhã e também a noite, se queres perguntar, perguntai; voltai e vinde» (Isaías 21:11, 12).

E logo, o ansioso expectante declara: «Vou estar atento e vigilante, como a sentinela no seu posto, para ouvir o que o Senhor irá dizer e que resposta irá dar às minhas queixas. O Senhor

falou-me então deste modo: Escreve sobre tabuinhas de barro aquilo que te vou revelar, de modo que se leia claramente. Ainda não chegou o tempo de se realizar esta visão, mas não deixará de se cumprir. Espera com confiança, mesmo que pareça demorar» (Hab. 2:1-3, VPC).

Chegaria o momento próprio, em que se estremariam os campos, por isso, «Escreve – ordena Deus – o homem de más intenções não sobreviverá, mas o justo pela sua fé viverá». (Hab. 2:4).

Assim, pela fé, chegamos até aqui! «E fui ao anjo, dizendo-lhe; dá-me o livrinho, e ele disse-me: Toma-o e come-o, e ele fará amargo o teu ventre, mas na tua boca será doce como mel!... **Importa que profetizes outra vez a muitos povos e nações, e línguas e reis**» (Apoc. 10:11).

Rolaram os séculos, e à medida que nós próprios envelhecemos, muitas vezes nos ocorre indagar, surpresos: Como foi possível, que há *dois mil anos* atrás, locomovendo-se o homem a passo de camelo ou do asno, Jesus Cristo tivesse proferido a mais espantosa profecia, incluída no Seu Sermão Profético do fim: «**E este Evangelho do Reino, será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as gen-**

tes, e então virá o fim» (Mat. 24:14)?

Seria então caso para perguntar: «Senhor, como será isto?» E logo a resposta não tardaria: «Este é a Palavra do Senhor dizendo, **não é pela força do teu poder que tu triunfarás, mas pelo Meu Espírito.**» (Zac. 4:6,7, VPC).

Um marco histórico da Igreja Adventista

1844-1994 – 150 anos desde o surgimento do movimento adventista no mundo, depois do Grande Desapontamento, de acordo com Apocalipse 10:11.

Importa aqui lembrar as palavras do Senhor a Zorobabel: «O Senhor dos Exércitos me enviou a vós, dizendo: Porque quem despreza o dia das coisas pequenas? Pois esses se alegrarão, vendo o prumo na mão de Zorobabel: os sete olhos do Senhor que discorrem por toda a terra» (Zac. 4:10). E o que procura o Senhor? O profeta Sofonias tem a resposta para esta pergunta: «Deixarei no meio de ti um povo humilde e pobre; e eles confiarão no nome do Senhor. **O Remanescente de Israel não cometerá iniquidade** (não será contra a Lei) (Sof. 3:12; Salmos 31:15).

A Igreja Adventista do Sétimo Dia sempre foi considerada a Igreja Remanes-

cente (Apoc. 12:17). Reconhecendo-se como a última igreja no cômputo das 7 igrejas do Apocalipse, Laodiceia, cujo significado é, ao mesmo tempo:

O povo justo – Porque guarda os dez mandamentos da Lei de Deus, considerada obsoleta por todas as demais igrejas chamadas cristãs;

O julgamento dos povos – Pois é a única que anuncia que chegou a hora do juízo de Deus, como é dito na Mensagem dos 3 anjos: «Temei a Deus e dai-Lhe glória, porque é vinda a hora do Seu juízo...» (Apoc. 14:6-12);

Separação dos povos – A fim de formar e preparar um só rebanho que subsista ao acontecimento da Segunda Vinda de Cristo. E a mensagem do anjo de Apocalipse 18:4 é adicionada às mensagens anteriores. É à Babilónia, símbolo da grande apostasia e confusão religiosa do mundo, e no seio da qual Deus tem o Seu povo que essa mensagem deve ser proclamada enfaticamente: «Sai dela povo Meu, para que não sejas participante dos seus pecados, e para que não incorras nas suas pragas» (Apoc. 18:4). Tal como Deus ordenou ao Israel antigo: «Fugi do meio de Babilónia, e livre cada um a sua alma; não vos destruais a vós mesmos na sua maldade; porque este é o tempo da vingança do Senhor; e Ele lhe dará a sua recompensa» (Jer. 51:6).

Rejeição dos povos – Quer por eliminação dos mornos, dos hipócritas e dos mundanos, no seu próprio meio, por um lado, e por outro, sendo ela própria o verdadeiro povo de Deus, objec-

Pedro Brito Ribeiro

to dos ataques de Satanás, é rejeitada pelo mundo religioso, como a escória no seio do chamado cristianismo, já por si apostatado, tal como é confirmado: «O dragão irou-se contra a mulher (a igreja pura) e foi fazer guerra ao resto da sua semente, os que **guardam os mandamentos de Deus e lêem o testemunho de Jesus Cristo**» (apoc. 12:17).

Um escritor afirmou há muito: «*O Adventismo* não é um dos tantos ismos» que proliferam no mundo, mas uma **expressão genuína do cristianismo apostólico ou redivivo**; é portador de uma mensagem específica para os nossos dias.» (Ver I Ped. 2:9; Apoc. 14:12)

«... Importa que profetizes – que anuncies a mensagem outra vez...» (Apoc. 10:11).

Grande havia sido o sofrimento dos membros vivos da igreja do Senhor, que esperavam a vinda de Cristo nos anos 1840-1844. Foram levados, depois do grande desapontamento de 1844, a estudar mais cuidadosa e atentamente as profecias relativas ao tempo, chamado nas Escrituras «tempo do fim». «... Porque ela se exercerá no *determinado tempo do fim*.» (Dan. 8:19).

Tal como ao chegar para Israel o tempo em que devia cumprir-se a predição de Jesus, concernente à grande tribulação que aguardava a nação, começando pela destruição da sua cidade, dizendo: «Quando pois virdes que a abominação de desolação, de que falou o profeta Daniel, está no lugar santo, quem lê atenda (que lê isto procure entender)» (Mat. 24:15).

Era também tempo agora, para o povo remanescente, de tomar em linha de conta, as seguintes coordena-

1.º O período de Filadélfia, a 6.ª igreja, havia culminado com o grande movimento do Segundo Advento do século dezoito.

2.º A essa igreja, ou nesse período, o Senhor disse significativamente: «Diante de ti tens uma porta aberta» (Apoc. 3:8).

3.º A Providência abriu a porta para a actividade missionária praticamente em todas as partes do mundo. Paulo, usando a mesma expressão, a isso se refere: «Uma grande e eficaz porta se me abriu» (I Cor. 16:9).

4.º Agora, com Laodicéia, e através do estudo de Daniel e da interpretação da profecia de Jesus, «quem lê entenda», veio-lhes a convicção de que, também para a igreja do Advento e para o mundo, «uma grande e eficaz porta se abria», não agora na Terra, mas a do «Santuário Celeste, ali onde Jesus Cristo oficia em nosso favor» (Ver Dan. 8:13, 14; Heb. cap. 8).

5.º No céu e na Terra tudo estava preparado então para fazer chegar às nações e a cada ser humano individualmente o *Guia* e a *Luz* que conduz e ilumina os passos de todos os que desejassem encontrar-se com Jesus no Seu Reino (Salmos 119:115).

Chegara, pois, o momento de pregar o Evangelho na sua plenitude, isto é, a triplíce mensagem angélica de Apocalipse 14.

A resposta a essa proclamação não depende de nós, mas do Espírito Santo, que continua a agir nos homens e a dar crédito à nossa pregação. A nós, Igreja Remanescente, apenas é dito: «Importa que profetizes outra vez.»

Pedro Brito Ribeiro, reformado mas activo, escreve de Loures, onde reside.

Notícias de Setúbal

Foi no dia 13 de Junho que teve início, em Setúbal, o segundo «Plano de 5 Dias para Deixar de Fumas» realizado em 1994, organizado pela Associação Internacional de Temperança, Secretariado de Temperança da Igreja de Setúbal.

Podemos dizer que tivemos este segundo Plano graças às pessoas do primeiro Plano, que difundiram e fizeram a publicidade a este segundo.

Gostaria de relatar como decorreu este plano em Setúbal. Sabemos que consiste numa psicoterapia de grupo que apoia a vontade da pessoa para deixar de fumar. Como o próprio nome indica, foi realizado em cinco dias, ou seja, 5 sessões de segunda a sexta-feira, durante hora e meia. Foi utilizado algum material de apoio audiovisual e bibliográfico. Desde já agradecemos à Dr.ª Guida Esteves e

ao Dr. Filipe Valente, que tiveram a seu cargo a parte médica, e ao Dr. Emanuel Esteves que, com o signatário, pastor local, teve a seu cargo a parte psicológica. Agradece-mos também ao grupo de jovens da igreja de Setúbal que todas as noites lá estiveram para dar a sua colaboração.

Foi bom e belo ouvir as pessoas dizerem: «Decidi deixar de fumar». As reuniões começavam às 20h30 e acabavam às 22 horas. Ao longo dessa semana os participantes tiveram oportunidade de conviver uns com os outros e fazer novos amigos. O resultado foi positivo. Dos 27 participantes, deixaram de fumar 13 pessoas, 8 mulheres e 5 homens.

Depois de tudo isto, só falta agradecer a uma Pessoa que de certeza esteve lá, em todas as reuniões, e que contribuiu para a decisão destas pessoas.

Obrigado, Senhor Jesus!

Daniel Vicente
Pastor da igreja de Setúbal

Igreja de Ponte de Sor: Campanha Maranata

Foi com muita alegria e expectativa que recebemos a equipa Maranata na igreja de Ponte de Sor, sob a liderança do pastor J. Casaquinha, no passado dia 15 de Junho, para a realização de uma campanha nesta cidade situada no Alto Alentejo.

Digo de todo o meu coração que foram dias inesquecíveis. Recebemos em todos os sentidos um magnífico apoio do grupo maranata que era composto das seguintes pessoas:

irmã Lurdes Andrade, irmão Godinho e sua esposa, irmão Chinita (todos membros da igreja central de Lisboa) e pastor Casaquinha e sua esposa a irmã Fernanda.

Antes do início da campanha, a qual se efectuou nos dias 18 a 26 de Junho, foi realizado um excelente trabalho de porta a porta por todo o grupo, tendo a colaboração da irmã Helena Marques e do jovem Jaime Pulguinhas, ambos membros desta igreja. Este trabalho pessoal não foi feito apenas no início mas sim durante todo o tempo que tivemos cá maranatas. Desta forma, muitas pessoas foram contactadas recebendo o convite para as conferências bíblicas subordinadas ao tema «Como Jesus», as quais foram de grande enlevo espiritual, cativando



Elementos do Grupo Maranata em Ponte de Sor

a todos os presentes, tanto membros da igreja como as visitas que nos alegraram com a sua presença e sobretudo pelo interesse que demonstravam em conhecer mais sobre a Palavra de Deus. Desejo também dizer que várias pessoas das que foram abrangidas pelo trabalho de porta a porta, feito no início e durante a campanha, aceitaram fazer os cursos por correspondência: Saúde e A Bíblia Fala.

As reuniões evangelísticas, praticamente, terminaram com uma cerimónia baptismal, momento em que três preciosas almas, as quais já vinham sendo preparadas, deram o seu testemunho público em como aceitaram a Jesus, de todo o seu coração, através das águas baptismas. Foram elas: Otília Marques Roxo, Christiane Ramos Glória e Sara Marques. A estas

novas irmãs em Cristo damos os merecidos parabéns e boas vindas ao seio da família espiritual com o desejo imenso de que possam crescer à estatura e graça de Jesus Cristo.

Ao apelo final das conferências, algumas pessoas aceitaram continuar a estudar a Bíblia. Graças ao Senhor por isso. O poder do Espírito Santo tocou aqueles corações. Pedimos as vossas orações por estas decisões para que dêem frutos eternos.

Agradecemos muito a todos aqueles que colaboraram directa ou indirectamente para que tudo isto fosse concretizado. De modo muito especial agradecemos a Deus, pois sem a Sua poderosa ajuda nada seria possível. Muito obrigado!

Justino Glória

Pastor de Ponte de Sor e Comenda

Vila do Conde: Notícias de um Igreja sem novidades para contar

Consumidores distraídos e apressados de toda a espécie de notícias servidas mass media

com os maiores prodígios de encenação e sob o signo da rentabilidade comunicativa, perdemos o hábito sossegado de ler, sobretudo se os títulos não nos acenam com fervilhantes novidades e nos prometem apenas... notícias.

Arriscamos mesmo assim algumas linhas tranquilas para vos dar conta de um processo (e não de um produto) em que a igreja de Vila do Conde está envolvida.

Conscientes da nossa res-

ponsabilidade no cumprimento da «Missão Global» e convencidos de que as nossas estratégias devem respeitar as normas reguladoras da comunicação e das interacções sociais próprias do nosso tempo, decidimos, depois de uma formação adequada dos coordenadores, organizar a nossa Escola Sabatina em Unidades de Acção.

Pusemos em marcha esta metodologia no início do presente ano eclesiástico, com seis unidades.

Unidos em torno de um projecto de evangelização próprio, os elementos de cada um destes pequenos grupos têm vindo a desenvolver o senso da necessidade de oração em conjunto, de ajuda mútua e de coresponsabilização pelo crescimento da igreja.

Devíamos apresentar-vos, neste momento, resultados numéricos para provar a veracidade destas afirmações? Não se esqueçam que estamos a falar de um percurso e não de uma chegada.

Uma das etapas mais significativas deste percurso foi o sábado 14 de Maio último, dia que consagramos às visitas da Escola Sabatina.

Decidíramos realizar a referida Escola Sabatina de tarde para favorecer a presença do maior número possível de visitantes.

Metemos mãos à obra: orámos; empenhámo-nos individualmente; programámos juntos os convites. Saímos e convidámos: pessoalmente, de amigo a amigo, de coração a coração.

E esperámos.

Notícias de Portalegre: Baptismos

«Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, aos

No sábado de manhã chovia. Chovia muito.

Receámos...

A tarde começou sob um céu mais calmo e nós, mais sossegados, esperávamos com tudo pronto: o programa, os colaboradores, o grupo coral que veio de Oliveira do Douro para nos ajudar, tudo pronto, até a confiança, até o coração.

Prometemos não falar de números nem de resultados, mas vamos falar das pessoas que devagarinho lá se foram sentando nos bancos da igreja.

Era aquele irmão que já não vinha há tanto tempo! Obrigada, Senhor! Era o amigo que não dera a certeza de vir. Senhor, estamos agradecidos! Era o familiar que tanto queríamos que viesse. Senhor, Tu ouves as nossas orações!

E sorviam as palavras, e cantavam, e louvavam connosco o nosso Deus.

E agradeciam... de coração a coração.

Não sabemos de números, sabemos só de corações. Não sabemos de colheitas, sabemos só de sementeiras.

E sabemos de uma igreja unida à volta de um projecto, sentindo que a «vinha do Senhor» é coisa sua e sabemos dos milagres que este empenhamento pode realizar. Devagarinho, sem alardes, a nossa igreja está a viver tempos de mudança.

Precisamos muito das vossas orações para continuar, de coração, com zelo, confiantes, nesta caminhada.

Direcção da Escola Sabatina

que crêem no seu nome; os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do varão, mas de Deus.» João 1:12, 13.

De acordo com este texto de João, o segundo nascimento torna-se mais importante do que o primeiro, porque é sempre da vontade de Deus. Enquanto que

o primeiro dá-nos acesso somente a esta vida, o segundo abre-nos o caminho para a vida eterna em Jesus Cristo.

Sábado, 2 de Julho de 1994, a igreja de Portalegre regozijou-se ao ver renascer no seu seio mais 5 preciosas almas. Foram elas, de acordo com a fotografia e da esquerda para a direita: Marco Esteves, Madalena Brito, Alexandra Miranda, Bia

Rodrigues e Leonilde Xavier. A eles, a seus pais e familiares, e também a toda a família Adventista de Portalegre, desejamos muitas felicidades e as mais ricas bênçãos de Deus através da sua caminhada nesta terra, rumo à Canaã celestial.

Carlos Nobre Cordeiro

Pastor de Portalegre, Nisa e Ribeira de Nisa



Marco, Madalena, Alexandra, Bia, e Leonilde

**Ilha do Faial – Açores
Semana do Mar
teve participação
da Juventude
Adventista**

Decorreu de 7-14 de Agosto de 94 na cidade da Horta a Semana do Mar, que habitualmente é visitada por centenas de milhares de pessoas de quase toda o Mundo. Aqui, ponto estratégico entre a Europa e a América sente-se a presença de gente que necessita de nos co-

nhecer.

Com este objectivo alcançámos autorização para pela primeira vez estar presente na Semana do Mar, expondo no jardim principal da cidade da Horta todas as nossas iniciativas efectuadas e o porquê da existência da Juventude Adventista de Portugal, do Projecto ALPPHA e do programa de Rádio «Nascente de Esperança» a festejar os seus 8 anos.

Para o êxito do nosso plano estivemos na 11.ª Feira do Livro da cidade da Horta com as nossas publicações o que foi motivo para dar graças a Deus.

Na cidade de Horta, Ilha do Faial, está-se semeando a mensagem de salvação. Maranata!

Álvaro Bastos



Expositores da JAP na Horta

**Juventude
Adventista na
Horta (Açores)**

Aos nossos convidados vai uma palavra de agradecimento pela forma como fizeram as provas ao Victor (Tição) e ao Valter (Desbravador), que tocou profundamente todos os presentes.

Aproveitando a visita do pr. Paulo Mendes, tesoureiro da U.P.A.S.D. e da irmã Anita, de Vila do Conde, aos Açores, igreja da Horta (Faial), o clube dos Tições e Desbravadores realizou as suas 1.ªs investidas.

Foram dias especiais, diferentes, passados em grande alegria espiritual, sentiu-se uma atmosfera celeste no seio daqueles que neste local e em situações difíceis pretendem servir a Deus.

Aos leitores da *Revista Adventista*, eu peço que orem pelo trabalho que estamos efectuando nestas ilhas do Atlântico (Açores) e nos ajudem. Quando desejarem nos escrever ou visitar, é a seguinte a morada:

Igreja Adventista da Horta
– Açores
Rua Dr. Melo Simas 5 A/B
9900 Horta – Açores
Maranata!

Álvaro Bastos
Colportor-evangelista



Investidura na Horta

XVII Feira do Livro da Cidade de Faro

Durante o período de verão, a Câmara Municipal da Cidade de Faro leva a efeito uma série de actividades incluídas nas festas de verão, para animação das muitíssimas pessoas que escolhem estas paragens cheias de calor e praia, para passarem o período de grande descanso anual. Ora uma das iniciativas com mais tradição é a Feira do Livro, que já vai na sua 27.^a edição. De alguns anos a esta

parte, a Publicadora Atlântico, via igreja local, tem vindo a ser convidada a estar presente.

Este ano a Feira decorreu entre os dias 23 de Julho e 7 de Agosto, onde com a colaboração e dedicação de alguns irmãos nos foi possível aproveitar mais este meio para divulgação de quem somos e porque o somos. Foi extremamente gratificante constatar que a procura de Bíblias foi bastante grande.

Queremos, assim, expressar a nossa gratidão a todos os que contribuíram para que tal fosse possível.

Rúben Abreu

Pastor do Sotavento Algarvio



Novos Obreiros e Novos Postos de Trabalho

Coquenão Lopes de Freitas – Graduado em Teologia pela Faculdade Adventista de Friedensau, Alemanha, aceitou o convite para trabalhar como obreiro evangelista num período inicial até Dezembro de 1994, na Comunidade Africana de Vila Chã.

O pastor Joaquim Sabino, em acumulação com a sua responsabilidade na Publicadora, superintende este Projecto da Missão Global.

Sandra Ferreira – Graduada em Teologia por Collonges, assume a preceptoria e ensino da Bíblia, no CAOD.

José Lagoa – Graduado em Teologia por Collonges, fará o seu estágio na igreja Central de Lisboa.

Jorge Duarte – Graduado em Teologia por Collonges, fará

o seu estágio na igreja de Coimbra.

Mário Brito – Tendo terminado a pós-graduação de «Master Divinity», na Universidade de Andrews, toma posse das responsabilidades para que foi anteriormente indigitado: pastor das igrejas do Funchal e coordenador do trabalho adventista nas Ilhas da Madeira e Açores.

Ilídio Carvalho – Após 4 anos como pastor de Santarém, é transferido para se incorporar na equipa de redacção da Publicadora, acumulando a

responsabilidade pastoral da igreja de Queluz.

Daniel Bastos – Do CAOD, é transferido para Santarém, como pastor distrital.

Júlio Vieira – Proveniente do «Atlantic Union College» e após 6 meses de estágio na igreja Central de Lisboa, assume o cargo da preceptoria e professor de Bíblia, no CAOD.

Aos novos obreiros e àqueles que assumem novas responsabilidades, bem como a suas famílias, desejamos as maiores bênçãos de Deus.

Congresso da Juventude Adventista em Lausana, na Suíça

250 jovens tomam a decisão de seguir a Jesus

Em Lausana, na sexta-feira dia 29 de Julho, no Congresso da Juventude da Divisão Euro-Africana, 250 jovens levantaram-se e subiram ao estrado, manifestando a sua decisão de serem em breve baptizados. O apelo foi feito por Richard Barron, director de Jovens da Conferência Geral, no seguimento de uma bela cerimónia baptismal em que 22 rapazes e meninas foram baptizados.

Segundo o Dr. John Graz, director de Jovens na nossa Divisão, este foi o ponto espiritual máximo do 6º Congresso de Jovens da Divisão, ao qual assistiram inscritos 2200 jo-

vens, vindo de 20 países e falando 10 línguas diferentes. O Dr. Jacques Doukhan foi o principal orador convidado, mas outros oito dirigiram os diversos ateliers e grupos de trabalho.

A elevada qualidade da música, das pregações e palestras, e os momentos de recreio deram a todo o programa uma atmosfera muito espiritual e cordial. Ao programa do Sábado assistiram 4.000 pessoas.

Na cerimónia de encerramento, o Dr. John Graz fez entrega de placas de distinção e apreço a Thierry Lenoir, da União Suíça, pela sua acção na realização do Congresso, e a José Figols e Gerd Eiteneir, directores de jovens da União Francobelga e Norte-alemã, que durante várias décadas têm trabalhado em favor dos jovens adventistas nos seus respectivos campos.

Os jovens presentes neste congresso manifestaram o seu apreço aos organizadores do mesmo através de uma calorosa ovação e consideraram que este encontro constituiu um grande êxito.

Infopress, Berna